



Gabinete de Estratégia e Estudos
Ministério da Economia

Temas Económicos

Número 49

Março 2017

A participação Portuguesa nas cadeias de valor globais

Guida Nogueira

Paulo Inácio

Rua da Prata, 8, 1149 - 057 Lisboa
Telf: (351) 217921372
Fax: (351) 217921399
Web Site: www.gee.min-economia.pt
ISSN 1647-6204

Índice

Sumário Executivo	1
1 - Introdução	3
2 – A importância dos inputs intermédios	4
<i>As exportações requerem importações</i>	8
<i>Até que ponto são essas importações de inputs intermédios utilizadas para incorporação nas exportações portuguesas?</i>	11
3 – A importância das Cadeias de Valor Globais e a sua medição	14
3.1 – O Comércio Internacional português à luz da sua participação nas cadeias de valor globais	16
<i>As cadeias de valor são realmente globais?</i>	21
<i>Até que ponto é que o valor acrescentado de um país e dos seus setores se encontra orientado para a procura final externa?</i>	24
<i>Quem são afinal os mercados de destino desse valor acrescentado?</i>	25
<i>A importância dos serviços</i>	28
4 – Considerações finais	35
Bibliografia	39
Anexo	40

A participação Portuguesa nas cadeias de valor globais ¹

Guida Nogueira ² e Paulo Inácio ³

Março, 2017

Sumário Executivo:

As cadeias de valor globais colocam um desafio importante às estatísticas de Comércio Internacional. A crescente complexidade das conexões distorce cada vez mais a interpretação das estatísticas convencionais uma vez que ignoram a origem do valor acrescentado incorporado. Em termos de política económica, é essencial avaliar com precisão o processo de criação de valor no âmbito das redes internacionais de produção bem como a participação de cada economia ao longo das cadeias de valor globais. Neste artigo procura analisar-se a experiência da economia portuguesa no contexto das Cadeias de Valor Globais, para gerar novos entendimentos sobre a dinâmica e natureza das relações comerciais portuguesas.

Os dados mostram que o peso das exportações Portuguesas no VAB⁴ tem vindo a aumentar consideravelmente desde 1995 (29% em 1995 contra 38% em 2011). O mesmo se verifica relativamente ao peso do seu conteúdo nacional no VAB (21% em 1995 contra 26% em 2011). No entanto, o conteúdo nacional, considerado em percentagem do total das exportações, tem vindo a diminuir (73% em 1995 contra 67% em 2011) em linha com a experiência de outros países da OCDE. A liberalização do comércio mundial acentuou a dinâmica de concorrência internacional e foi particularmente agressiva em setores intensivos em mão-de-obra pouco qualificada e de baixo custo (Leão e Nogueira, 2014). No caso de Portugal, o impacto da nova realidade internacional implicou uma forte contração nas exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado, Material Elétrico e Eletrónico e Material de Transporte, setores apontados como os que apresentam maior índice de fragmentação produtiva internacional e, portanto, altamente expostos à concorrência internacional. O ajustamento promoveu a expansão dos setores dos serviços em especial o Transporte, armazenagem e comunicação e o Comércio e Reparação, que, em contraciclo, registaram um aumento no Valor Acrescentado Nacional (VAN) incorporado nas suas exportações, no período considerado.

Em 2011, o Transporte, armazenagem e comunicação é o principal setor exportador português (12,4% do total das exportações em termos brutos). No entanto, o Comércio e Reparação é o setor que, transversalmente, incorpora maior valor acrescentado nacional nas suas exportações (15,4% do total do VAN incorporado nas exportações portuguesas).

Os Têxteis, Vestuário e Calçado (8%), bem como a Madeira, Cortiça e Papel (5,4%), apesar de serem relativamente menos representativos que o Material de Transporte (8,3%) no total das exportações, em termos brutos, são bastante mais representativos na incorporação nacional de conteúdo doméstico nas exportações (8% e 5,9% contra 5,3%, respetivamente, no total do VAN).

O caso dos Energéticos também merece destaque. Portugal tem vindo a assumir um papel crescente enquanto exportador de energéticos, no entanto, não sendo um país produtor de petróleo, procede à importação da matéria-prima associada para refinação e posterior exportação. Naturalmente, a matéria-prima importada, assume um peso bastante significativo no total das exportações do setor. No total, em

¹ As opiniões expressas não coincidem necessariamente com a posição do Ministério da Economia. Os autores agradecem os comentários de Ricardo Pinheiro Alves e Vanda Soares.

² Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE), Ministério da Economia.

³ Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE), Ministério da Economia.

⁴ Exportações de Bens e Serviços e VAB a preços base, i.e., preços de mercado subtraídos dos impostos líquidos de subsídios sobre os produtos. De referir que o VAB a preços base é igual ao PIB a preços base, na ótica da produção.

termos brutos, o peso deste setor foi em 2011 semelhante ao do Alojamento e Restauração (ambos com 4,45% do total das exportações portuguesas). No entanto, o VAN incorporado nas exportações de Energéticos é, comparativamente, bastante mais reduzido (0,77% do total do VAN contra 5,34%)

Exportações Portuguesas

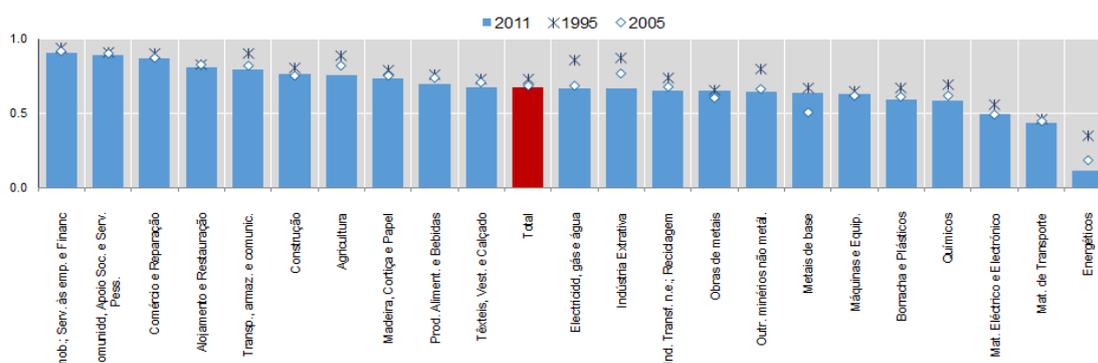
Comparação das estatísticas convencionais com as estatísticas em termos de Valor Acrescentado Nacional (VAN) incorporado nas exportações

Valores nominais a preços base	Exportações em termos Brutos % VAB		VAN incorporado nas Exportações (% VAB total)		VAN por Dólar Exportado (Dólares)		Estrutura das Exportações em termos Brutos (%)		Estrutura do VAN incorporado nas exportações (%)	
	$\frac{X_{B_i}}{VAB}$		$\frac{X_{VAN_i}}{VAB}$		$\frac{X_{VAN_i}}{X_{B_i}}$		$\frac{X_{B_i}}{X_B}$		$\frac{X_{VAN_i}}{X_{VAN}}$	
	1995	2011	1995	2011	1995	2011	1995	2011	1995	2011
Total	29.17	37.88	21.22	25.54	0.73	0.67	100.00	100.00	100.00	100.00
Sectores										
Comércio e Reparação	3.21	4.52	2.88	3.92	0.90	0.87	10.99	11.92	13.6	15.4
Transp., armaz. e comunic.	2.45	4.71	2.21	3.74	0.90	0.79	8.41	12.43	10.4	14.6
Têxteis, Vest. e Calçado	5.03	3.04	3.66	2.05	0.73	0.68	17.23	8.03	17.3	8.0
Imob.; Serv. às emp. e Financ	1.32	2.02	1.24	1.83	0.94	0.91	4.51	5.33	5.8	7.2
Madeira, Cortiça e Papel	2.06	2.06	1.63	1.50	0.79	0.73	7.05	5.43	7.7	5.9
Prod. Aliment. e Bebidas	1.28	2.09	0.97	1.45	0.76	0.70	4.39	5.52	4.6	5.7
Mat. de Transporte	3.32	3.15	1.51	1.37	0.46	0.43	11.37	8.32	7.1	5.3
Alojamento e Restauração	1.34	1.68	1.11	1.36	0.83	0.81	4.61	4.45	5.2	5.3
Mat. Eléctrico e Electrónico	3.02	2.31	1.68	1.14	0.56	0.49	10.35	6.11	7.9	4.5
Químicos	1.05	1.70	0.73	0.99	0.69	0.58	3.62	4.48	3.4	3.9
Metais de base	0.60	1.36	0.41	0.86	0.67	0.64	2.07	3.58	1.9	3.4
Máquinas e Equip.	0.97	1.32	0.63	0.83	0.65	0.63	3.32	3.49	3.0	3.3
Borracha e Plásticos	0.53	1.25	0.36	0.74	0.67	0.59	1.81	3.31	1.7	2.9
Comunidd, Apoio Soc. e Serv. Pess.	0.27	0.81	0.24	0.72	0.91	0.89	0.92	2.13	1.2	2.8
Obras de metais	0.54	1.03	0.36	0.67	0.66	0.65	1.87	2.72	1.7	2.6
Outr. minérios não metá.	0.72	0.93	0.57	0.60	0.79	0.64	2.48	2.47	2.7	2.3
Agricultura	0.32	0.63	0.29	0.48	0.89	0.76	1.11	1.67	1.4	1.9
Ind. Transf. n.e.; Reciclagem	0.50	0.60	0.37	0.39	0.73	0.65	1.71	1.60	1.7	1.5
Construção	0.17	0.49	0.14	0.38	0.80	0.76	0.59	1.30	0.7	1.5
Indústria Extrativa	0.10	0.41	0.08	0.27	0.87	0.66	0.33	1.09	0.4	1.1
Energéticos	0.33	1.69	0.12	0.20	0.35	0.12	1.15	4.45	0.6	0.8
Electricidd, gás e água	0.03	0.07	0.03	0.05	0.86	0.67	0.10	0.19	0.1	0.2

Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015.
Valores nominais a preços base (preços de mercado subtraído dos impostos líquidos de subsídios sobre os produtos);
De referir que o VAB a preços base é igual ao PIB a preços base na óptica da produção.
Países ordenados por ordem decrescente do Valor Acrescentado Nacional dirigido à procura final externa em 2011.

Numa outra perspetiva, em que se procura relacionar o VAN com as exportações em termos brutos, temos que, o setor que encaixa o maior VAN por cada Dólar exportado é o setor do Imobiliário, Serviços às Empresas e Financeiros (91 cêntimos por Euro exportado em 2011). Segue-se o setor dos serviços à Comunidade, Apoio Social e Serviços Pessoais (onde se inclui, entre outros, a Administração Pública, Defesa, Educação e Saúde) (89 cêntimos), o Comércio e Reparação (87 cêntimos) e o Alojamento e Restauração (81 cêntimos).

Valor Acrescentado Nacional (VAN) incorporado nas exportações por Dólar Exportado



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

A Madeira, Cortiça e Papel (73 cêntimos), os Produtos Alimentares e Bebidas (70 cêntimos) e os Têxteis, Vestuário e Calçado (68 cêntimos), comparam acima da média nacional (67 cêntimos por Dólar exportado).

O Material Elétrico e Eletrónico (49 cêntimos), o Material de Transporte (43 cêntimos) e os Energéticos (12 cêntimos) são os setores que encaixam menor VAN por Dólar exportado.

A Espanha é o principal mercado de destino das Exportações Portuguesas. Em termos brutos este mercado representa 25,2% do total, mas em termos de valor acrescentado (Conteúdo Doméstico Português da Procura Final Externa), representa apenas 20,3%. O mesmo se verifica nas exportações para França (11,6% contra 11,4%) e Alemanha (8,6% contra 8,1%), o que significa que há valor acrescentado formado em Portugal que está presente nas exportações destes mercados para outros países, nomeadamente para os EUA, Itália, Brasil e Reino Unido.

Exportações Portuguesas

Comparação das estatísticas convencionais com as estatísticas em termos de Valor Acrescentado Nacional (VAN) dirigido à procura final externa

Valores nominais a preços base	Exportações em termos Brutos % VAB		VAN * % VAB total		VAN * por Dólar Exportado (Dólares)		Estrutura das Exportações em termos Brutos (%)		Estrutura do VAN * incorporado nas exportações (%)	
	$\frac{X_{B_i}}{VAB}$		$\frac{X_{VAN_i}}{VAB}$		$\frac{X_{VAN_i}}{X_{B_i}}$		$\frac{X_{B_i}}{X_B}$		$\frac{X_{VAN_i}}{X_{VAN}}$	
	1995	2011	1995	2011	1995	2011	1995	2011	1995	2011
Total	29.17	37.88	21.22	25.54	0.73	0.67	100.00	100.00	100.00	100.00
Mercados de Destino (TOP 10 VAN)										
<i>Top 10 agregado</i>	22.05	26.55	15.18	16.72	0.69	0.63	76.00	71.14	73.46	68.51
Espanha	4.74	9.39	2.82	4.96	0.60	0.53	16.33	25.17	13.64	20.31
França	4.32	4.32	2.95	2.78	0.68	0.64	14.87	11.57	14.29	11.40
Alemanha	5.77	3.20	3.79	1.98	0.66	0.62	19.90	8.59	18.33	8.12
EUA	1.83	2.47	1.64	1.81	0.90	0.73	6.32	6.62	7.96	7.42
Reino Unido	3.10	2.56	2.15	1.79	0.69	0.70	10.67	6.87	10.38	7.31
Itália	1.25	1.58	0.93	1.15	0.75	0.72	4.30	4.24	4.50	4.70
Brasil	0.27	1.36	0.23	1.00	0.85	0.74	0.94	3.64	1.13	4.10
China	0.03	0.81	0.04	0.53	1.30	0.66	0.09	2.18	0.17	2.19
Suíça	0.57	0.46	0.45	0.37	0.79	0.81	1.97	1.23	2.18	1.52
Rússia	0.18	0.38	0.18	0.35	1.02	0.91	0.61	1.03	0.88	1.44

Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015.

Valores nominais a preços base (preços de mercado subtraído dos impostos líquidos de subsídios sobre os produtos); De referir que o VAB a preços base é igual ao PIB a preços base na óptica da produção.

Países ordenados por ordem decrescente do Valor Acrescentado Nacional dirigido à procura final externa em 2011.

* No caso dos Mercados de Destino utiliza-se o conceito de Valor Acrescentado Nacional dirigido à Procura Final Externa, ie, o VAN que directa - via exportação portuguesa - ou indirectamente - através das exportações de outros países - alcançará os utilizadores de um determinado país.

1 – Introdução

Nas últimas décadas, a redução dos custos de transporte e comunicação, as importantes inovações tecnológicas e a eliminação de barreiras tarifárias e não tarifárias, favoreceram uma nova lógica de organização da produção no contexto da economia global. A crescente decomposição do processo produtivo em múltiplas etapas realizadas separadamente em diversos países, numa espécie de rede global, permite que as multinacionais absorvam as vantagens específicas de cada região e se tornem mais eficientes. A participação dos países nestas cadeias de valor globais (CVGs) oferece novas oportunidades para impulsionar transformações estruturais capazes de gerar ou acelerar o crescimento económico, uma vez que há transferência de tecnologia e difusão de conhecimento que aumenta o nível de competência da mão-de-obra local e favorece o upgrade na economia. No entanto, o processo de integração nas CVGs depende fortemente das vantagens comparativas que cada país apresenta nestas redes internacionais de produção, retendo que no contexto das cadeias de valor a especialização produtiva assenta menos em produtos e mais em tarefas, etapas ou segmentos da cadeia. A dotação de recursos naturais, a qualificação da mão-de-obra, a capacidade de absorção de conhecimento e outros fatores, como a proximidade geográfica e cultural, cumprem um papel importante na definição destas vantagens.

O objetivo da política de desenvolvimento deixa de ser, portanto, a criação de uma indústria que retenha todas a fase de produção, para ser a identificação do melhor posicionamento do país numa cadeia de valor global e a oferta mais competitiva de funções empresariais (Cattaneo e Miroudot, 2013). O sucesso é determinado pela capacidade de resposta de cada país à procura externa, da própria natureza da cadeia de valor e da empresa líder, dos serviços disponíveis, mas também da aptidão do país em aceder a atividades de maior valor acrescentado mantendo-se competitivo internacionalmente (OECD/AfDB/UNDP, 2014).

Uma das principais implicações do aprofundamento destas redes internacionais de produção de bens e serviços, que implica uma crescente fragmentação geográfica dos segmentos individuais de produção, é o aprofundamento das relações comerciais entre os países que nelas participam. Tendo em conta esta nova configuração do comércio internacional as estatísticas convencionais dos fluxos de comércio podem já não ser suficientemente informativas, ou mesmo distorcer a realidade. Torna-se, pois, relevante avaliar com alguma precisão a participação de cada economia ao longo das cadeias de valor globais.

Reconhecendo esta necessidade, a base de dados conjunta OCDE-OMC (*Trade in Value Added – TiVA*) combina matrizes de input-output e dados relativos aos fluxos comerciais por mercado e setor de bens e de serviços, para estudar o processo de criação de valor no âmbito das redes internacionais de produção. A base de dados cobre apenas os anos de 1995, 2000, 2005 e o período 2008-2011, mas, apesar das limitações, é reconhecidamente o esforço mais ambicioso e completo enquanto instrumento de determinação do comércio em termos de valor acrescentado para países da OCDE e alguns países em desenvolvimento.

Com base nesta informação, é relevante analisar a experiência da economia portuguesa vis-a-vis a experiência dos seus pares, no contexto das Cadeias de Valor Globais, para gerar novos entendimentos sobre a dinâmica e natureza das relações comerciais portuguesas. Interessa considerar os fluxos de comércio internacional em termos de valor acrescentado, as ligações geográficas deste fenómeno e concluir sobre a participação portuguesa nas Cadeias de Valor Globais com a identificação dos setores que apresentam maior integração, para melhor compreender as implicações desta nova configuração de produção e comércio internacional na performance externa da economia portuguesa, nomeadamente na capacidade da atividade exportadora gerar ganhos em termos de valor acrescentado e servir como catalisador do crescimento económico.

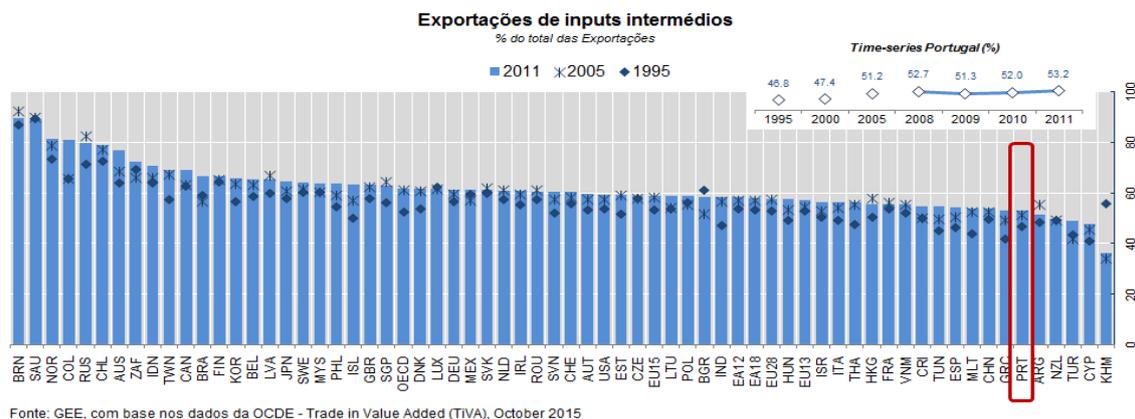
2 – A importância dos inputs intermédios

Um dos efeitos diretos do alargamento e reforço das CVGs é o aprofundamento das relações comerciais entre os países que participam na rede internacional de produção associadas sobretudo a inputs intermédios que circulam como parte de complexas cadeias de produção (Amador e Stehrer, 2014). Atualmente mais de metade das importações mundiais de mercadorias diz respeito a produtos intermédios (bens primários, partes e componentes e produtos semi-acabados) e mais de 70% das importações mundiais de serviços diz respeito a serviços intermédios (De Backer e Miroudot, 2013).

O processo de produção interconectado envolve múltiplos setores e, portanto, diferentes tipologias de inputs - tangíveis e intangíveis - estão envolvidos numa mesma cadeia de valor. A Indústria Extrativa e de produtos primários, por exemplo, está normalmente presente no início das cadeias de produtos manufaturados e em certas fileiras pode assumir um peso muito significativo. Alguns setores de serviços também apresentam grande transversalidade, e a sua participação está relacionada com o próprio funcionamento das cadeias de valor globais. A deslocalização e a subcontratação permitem o aumento da eficiência em termos de custos, mas exigem um enorme esforço de articulação. De acordo com Jones e

Kierzkowski (2001), genericamente, o nível de fragmentação da produção depende sempre de um trade-off entre baixos custos de produção e elevados custos de transação. Os serviços, especialmente o transporte, a logística e o armazenamento, mas também serviços bancários, seguros, serviços empresariais, serviços profissionais e de comunicação desempenham um papel crucial no comércio de bens, ao ajudar na deslocação eficiente de componentes através das fronteiras (Lesser, 2014; OCDE, 2013; FEM, 2012).

No contexto internacional Portugal apresenta um papel crescente mas marginal enquanto exportador de inputs intermédios. Em 2011, mais de metade das exportações portuguesas diz respeito a inputs intermédios (53,2%), comparativamente abaixo do que acontece, nos restantes países da UE.



Mas a análise do gráfico permite perceber que os principais exportadores de inputs intermédios são produtores de petróleo. Com efeito, interessará ver, como compara Portugal em setores que apresentam cadeias de valor mais longas e portanto com maior índice⁵ de fragmentação produtiva internacional. São eles, Televisão e Equipamento de Comunicação, Veículos Motorizados, Metais Básicos, Maquinaria Elétrica, Outro Equipamento de Transporte e Têxteis, Peles e Calçado (De Backer e Miroudot, 2013).

Considerar-se-á o posicionamento internacional de Portugal nos setores do Material de Transporte, Material Elétrico e Eletrónico, Máquinas e Equipamentos e Têxteis, Vestuário e Calçado, setores estes, bastante relevantes na exportação portuguesa.

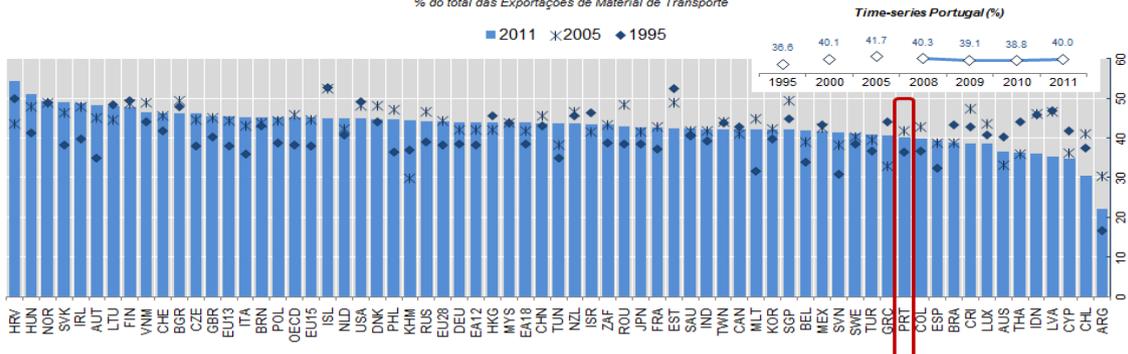
Nos setores considerados, Portugal não se destaca no ranking dos países exportadores de inputs intermédios. À exceção do Material Elétrico e Eletrónico, Portugal compara sempre abaixo daquilo que são as exportações dos Países do Alargamento (UE13), como um bloco, para o resto do Mundo (excluindo trocas entre si). Em termos individuais, os países do Leste Europeu destacam-se principalmente no ranking do Material de Transporte. A Croácia, por exemplo, é o principal exportador de inputs intermédios neste setor.

No caso das Máquinas e Equipamentos, o principal exportador de inputs intermédios, é o México. Portugal compara bastante abaixo, sensivelmente em linha com a Itália e a Alemanha. No caso dos Têxteis, Vestuário e Calçado, o Japão lidera o ranking enquanto mercado fornecedor de inputs intermédios. Portugal compara bastante abaixo de países como a Itália, a França, a Espanha e a Alemanha. A fábrica “Ásia” também aparece destacada no caso do Material Elétrico e Eletrónico.

⁵ De acordo com a metodologia de Fally (2011) e Antrás et al. (2012), o índice toma o valor de 1 se existe apenas uma etapa na produção (valor mínimo, isto é, não existem inputs intermédios para produzir o bem/serviço final) e vai aumentando quando são utilizados inputs da mesma ou de outra indústria com uma média ponderada do comprimento da produção envolvida nesses setores.

Material de Transporte - Exportações de inputs intermédios

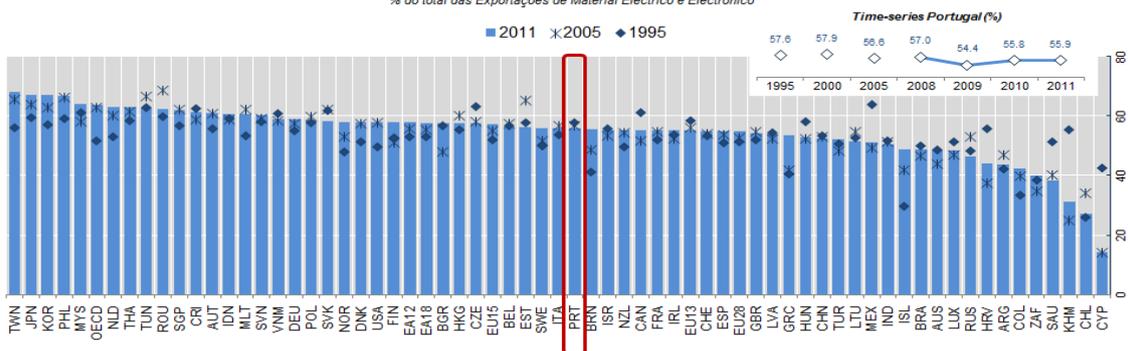
% do total das Exportações de Material de Transporte



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Exportações de inputs intermédios

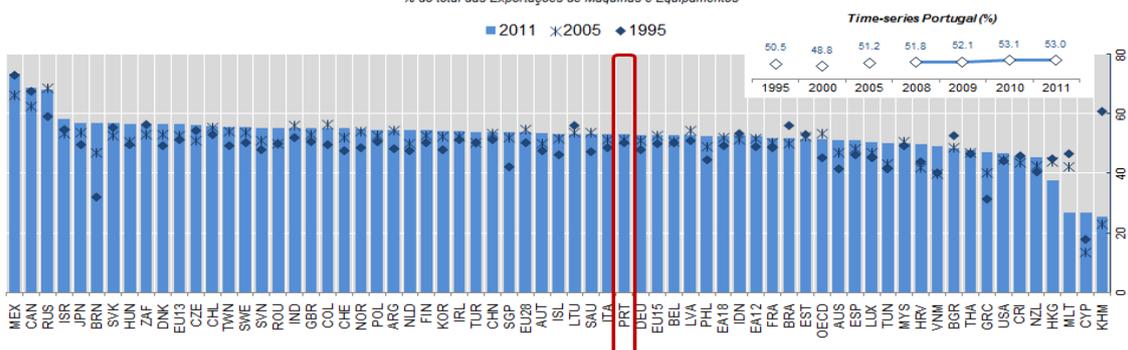
% do total das Exportações de Material Eléctrico e Electrónico



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Máquinas e Equipamentos - Exportações de inputs intermédios

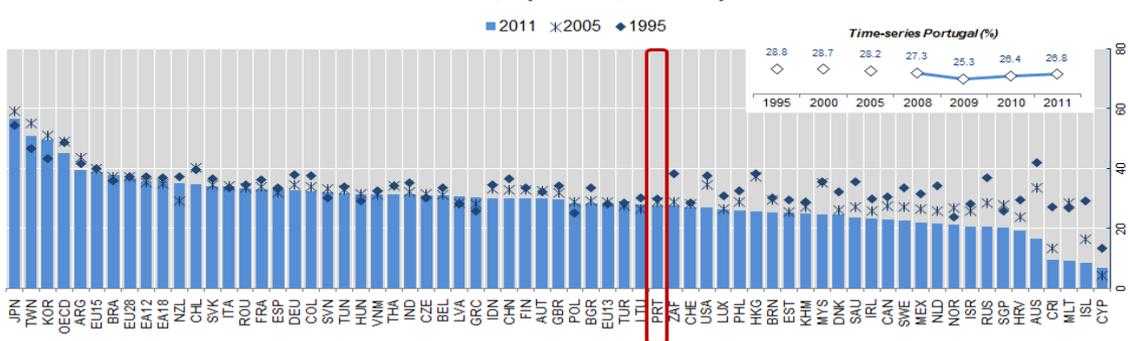
% do total das Exportações de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Exportações de inputs intermédios

% do total das Exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado

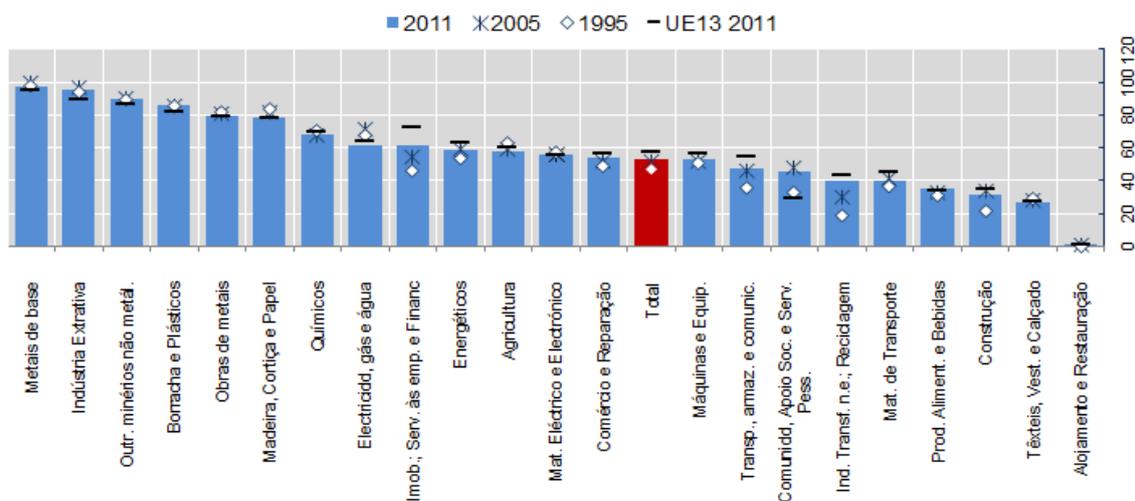


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Em termos sectoriais, os principais exportadores portugueses de inputs intermédios são os Metais de Base (97,4% do total das exportações do setor) e a Indústria Extrativa (95,6%), sensivelmente em linha com o que se verifica no conjunto dos países do Alargamento (UE13). Em contrapartida, o setor do Alojamento e Restauração (1,3%), Têxteis, Vestuário e Calçado (26,8%), Construção (31,8%), Produtos Alimentares e Bebidas (35,4%) e Material de Transporte (40%) apresentam a menor proporção de inputs intermédios no total das respetivas exportações e comparam abaixo da média nacional.

Exportações portuguesas de inputs intermédios

% do total das Exportações do sector



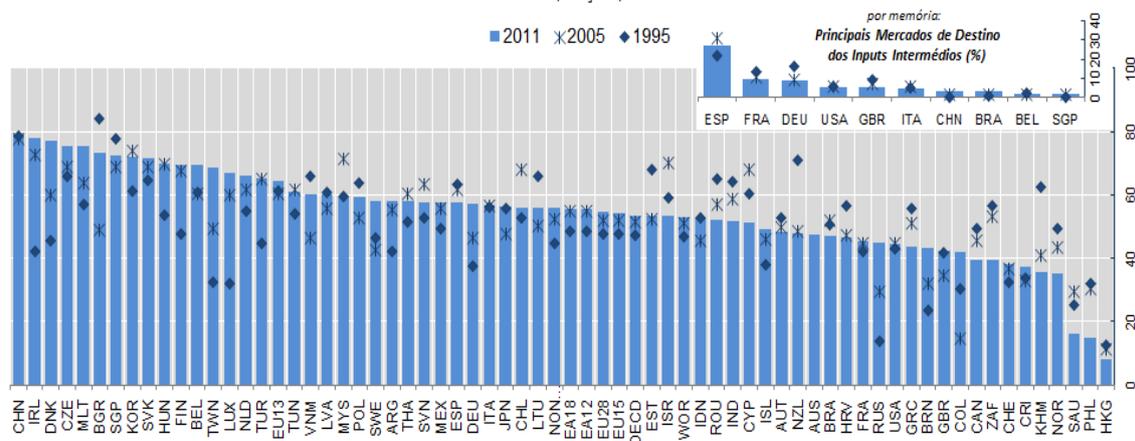
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

Em termos globais, os principais mercados de destino dos inputs intermédios portugueses são a Espanha (26,9% em 2011), a França (9,7%) e a Alemanha (9,1%). No entanto a proporção de inputs intermédios assume maior importância relativa nas exportações portuguesas com destino à China (79,4%), Irlanda (77,9% contra apenas 42,1% em 1995), Dinamarca (77,3% contra 45,6% em 1995) e República Checa (75,6%).

Exportações portuguesas de produtos intermédios por mercado de destino

% do total das Exportações por mercado

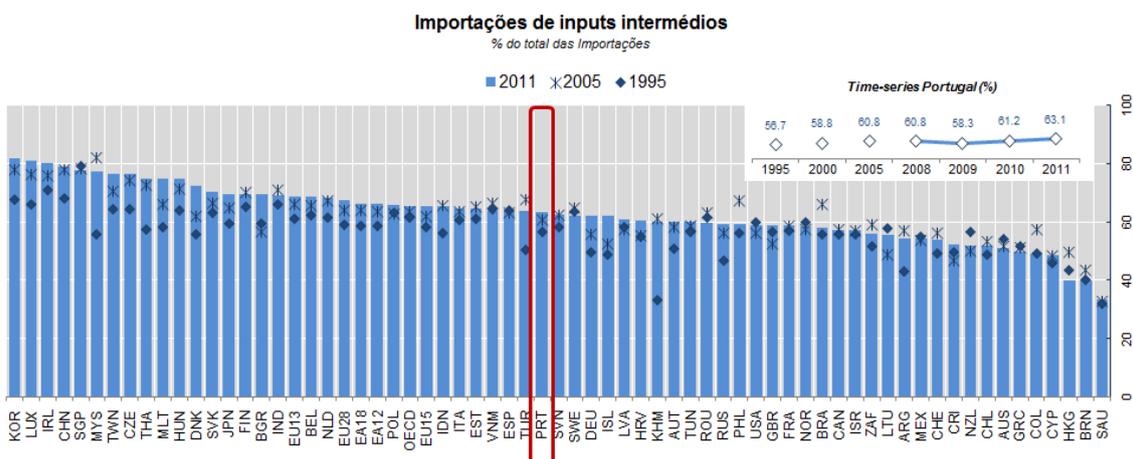


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

As exportações requerem importações

Se é verdade que a fragmentação produtiva aumenta a competitividade e potencia as exportações, à medida que os países aprofundam a sua integração nas CVGs, aumenta também a sua dependência de inputs externos. Nesta nova lógica de produção internacional as importações de inputs intermédios são muitas vezes um meio para que as empresas acedam a inputs mais eficientes e assim produzam bens mais competitivos (Cattaneo e Miroudot, 2013), em particular em alguns setores como o Material de Transporte e os componentes eletrónicos. Como as exportações requerem importações, os países interessados em competir globalmente devem incorporar nas suas estratégias de desenvolvimento, medidas que facilitem o acesso global aos inputs mais competitivos (Kowalski et al., 2015).

As importações portuguesas de inputs intermédios também têm vindo a aumentar. Em 2011 mais de 60% das importações portuguesas se referem a inputs intermédios, sensivelmente em linha com o que se verifica em Espanha (63,8%) e na Alemanha (61,9%), mas bastante abaixo do que se verifica, por exemplo, na Irlanda (80,1%) e no conjunto dos países do alargamento (UE13) (68,7%).



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

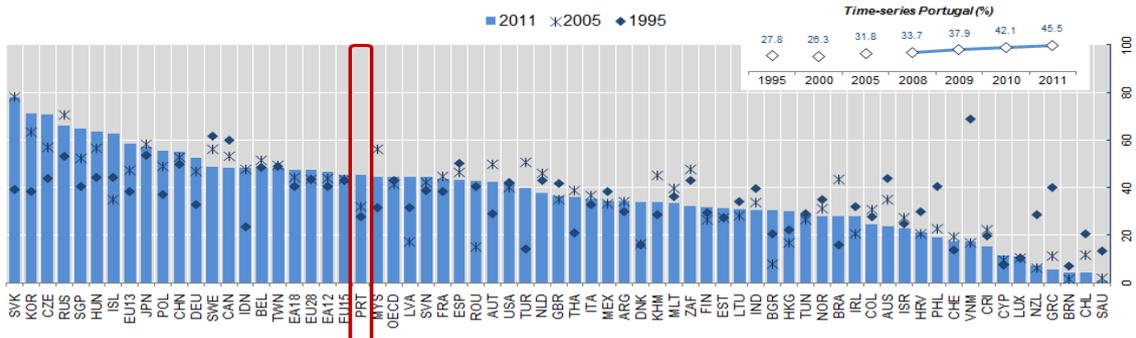
No contexto internacional, Portugal ocupa uma posição mais significativa no ranking na qualidade de importador de inputs intermédios do que na qualidade de exportador, podendo, por exemplo, sugerir uma especialização vertical com maior presença em estágios finais do processo produtivo, no âmbito das cadeias de valor globais, caso os inputs intermédios se destinem a futura incorporação em exportações.

Descendo novamente ao nível dos setores mais expostos à fragmentação produtiva à escala global, isso também se verifica - à exceção do Material Elétrico e Eletrónico - sendo mais óbvio no Material de Transporte e nos Têxteis, Vestuário e Calçado.

Nos setores considerados, Portugal ocupa uma posição relativamente mais avançada no ranking dos países importadores de inputs intermédios de Têxteis, Vestuário e Calçado. No caso do Material de Transporte, Portugal compara bastante abaixo do conjunto dos países do alargamento (UE13) (58,6%), ao passo que no caso do Têxtil, Vestuário e Calçado, Portugal compara apenas ligeiramente acima (43,2%).

Material de Transporte - Importações de inputs intermédios

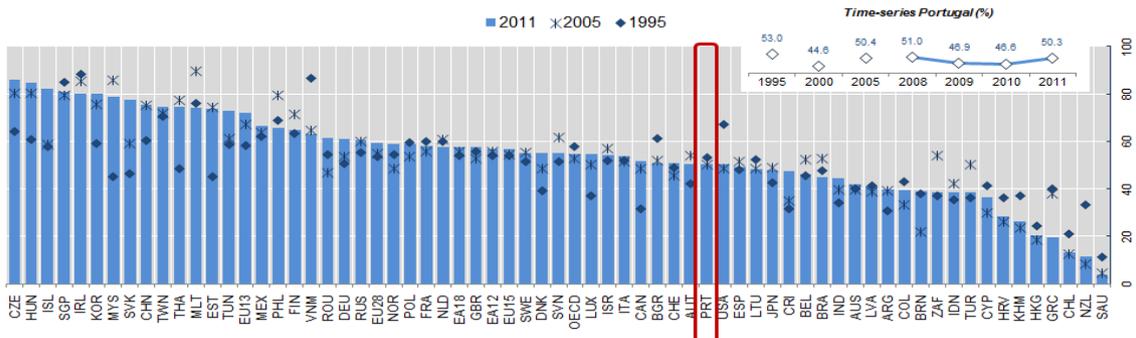
% do total das Importações de Material de Transporte



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Importações de inputs intermédios

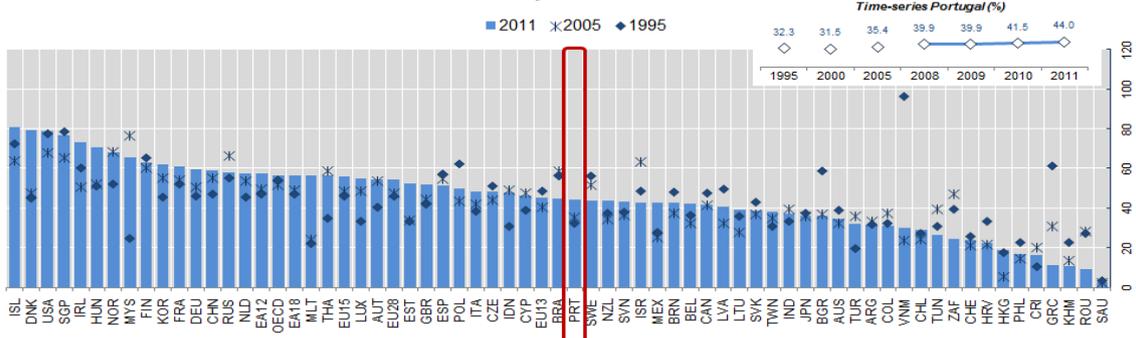
% do total das Importações de Material Eléctrico e Electrónico



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Máquinas e Equipamentos - Importações de inputs intermédios

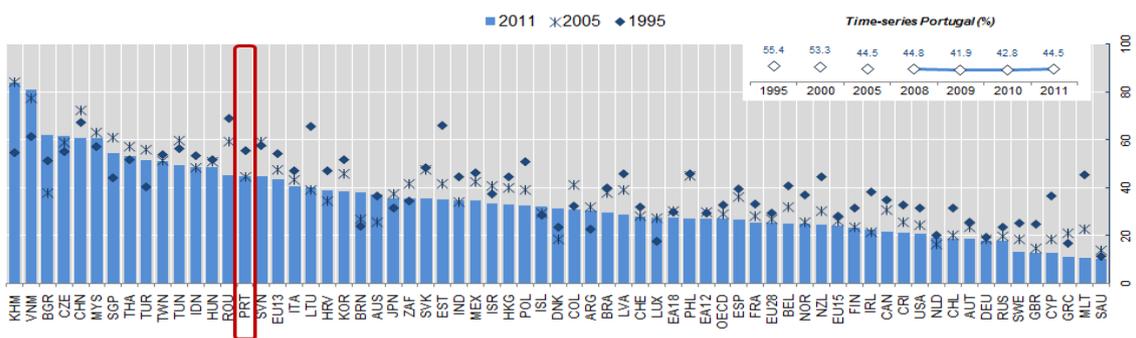
% do total das Importações de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Importações de inputs intermédios

% do total das Importações de Têxteis, Vestuário e Calçado

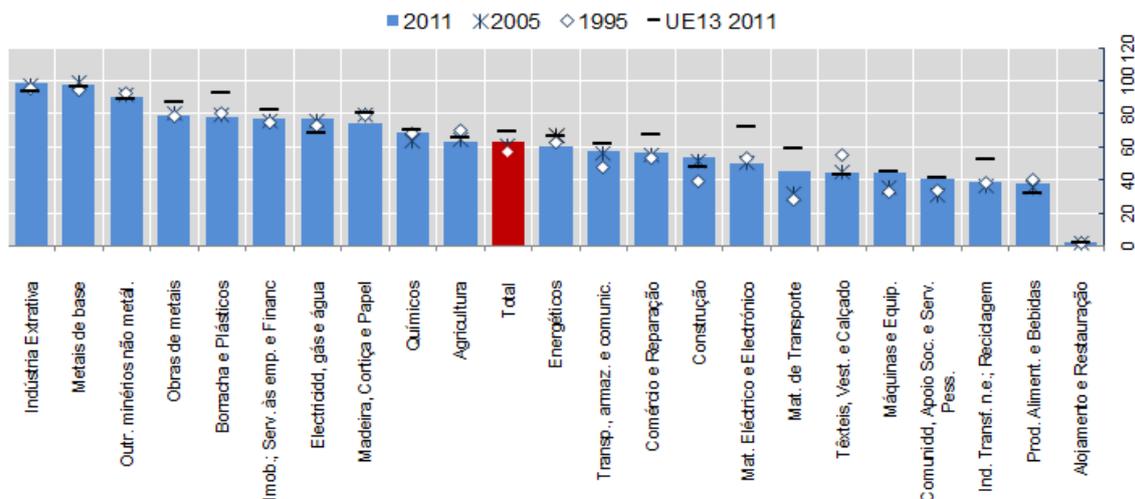


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

A proporção de Inputs Intermediários é mais significativa no total das importações da Indústria Extrativa (98,8%) e dos Metais de Base (98,1%), essencialmente em linha com o que se verifica, no conjunto dos países do alargamento (UE13). No extremo oposto, temos o caso dos setores do Alojamento e Restauração (2,4%) e Produtos Alimentares e Bebidas (37,5%). De destacar que o Material Elétrico e Eletrónico (50,3%), o Material de Transporte (45,5%), os Têxteis, Vestuário e Calçado (44,5%) e as Máquinas e Equipamentos (44%), apresentam todos, um perfil de importação relativamente menos intenso em inputs intermediários que a média nacional.

Importações portuguesas de inputs intermediários

% do total das Importações do sector



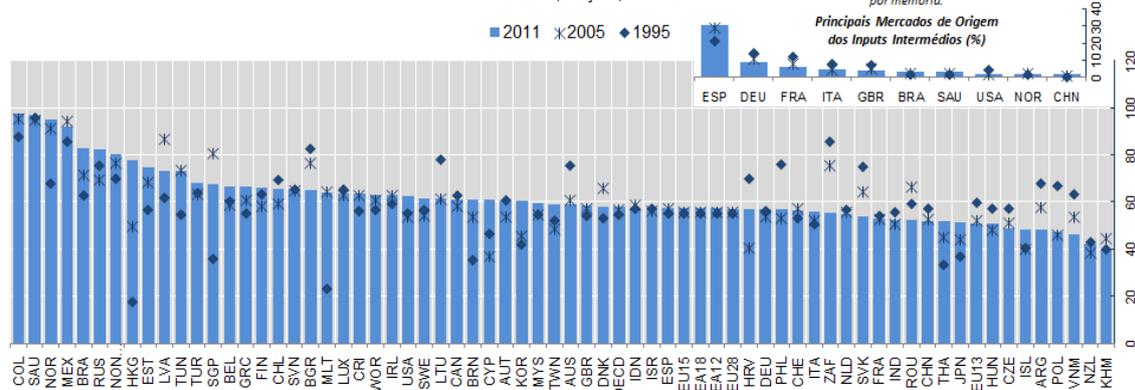
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

Em termos globais, os principais mercados de origem dos inputs intermediários são a Espanha (30,9% em 2011), a Alemanha (9,1%) e a França (6,2%). No entanto, excetuando os países produtores de petróleo, a proporção de inputs intermediários assume maior importância relativa nas importações portuguesas com origem em Hong-Kong (77,8%), Estónia (74,6%), Letónia (73,4%), Tunísia (73%), Turquia (68,3%) e Singapura (67,5%).

Importações portuguesas de produtos intermediários por mercado de origem

% do total das Importações por mercado



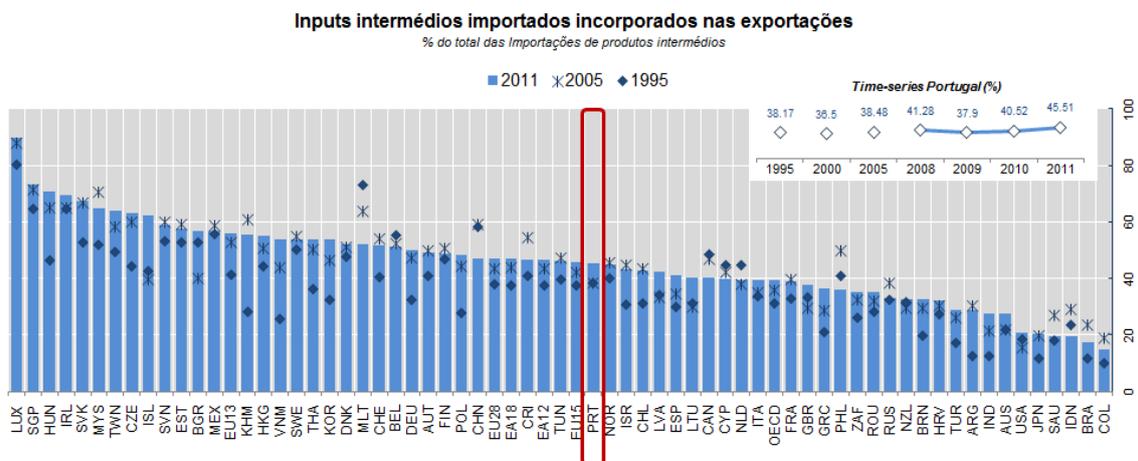
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Mas até que ponto são essas importações de inputs intermédios utilizadas para incorporação nas exportações portuguesas?

A incorporação de inputs intermédios importados nas exportações portuguesas tem vindo a aumentar.

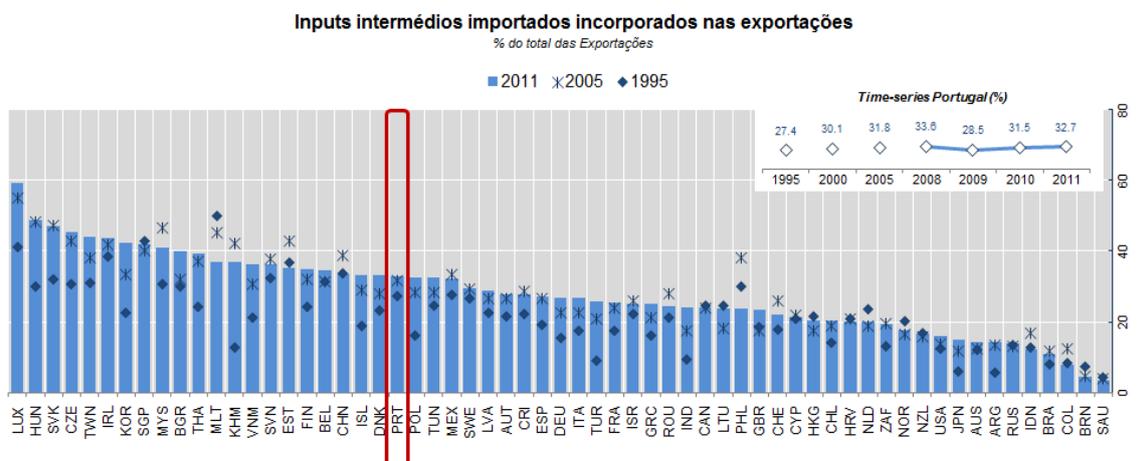
Em 2011, 45,5% do total de inputs intermédios importados destinaram-se à incorporação nas exportações (contra 38,2% em 1995 e 38,5% em 2005). Tal significa que 54% dos inputs intermédios importados entram na produção nacional destinada ao mercado interno.

No contexto internacional, Portugal compara abaixo do conjunto dos países do alargamento (UE13) (55,7%), sendo, neste caso, de destacar a evolução do bloco desde 1995, associada à sua progressiva integração na economia europeia e à consequente absorção de IDE outrora destinado a países como Portugal.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

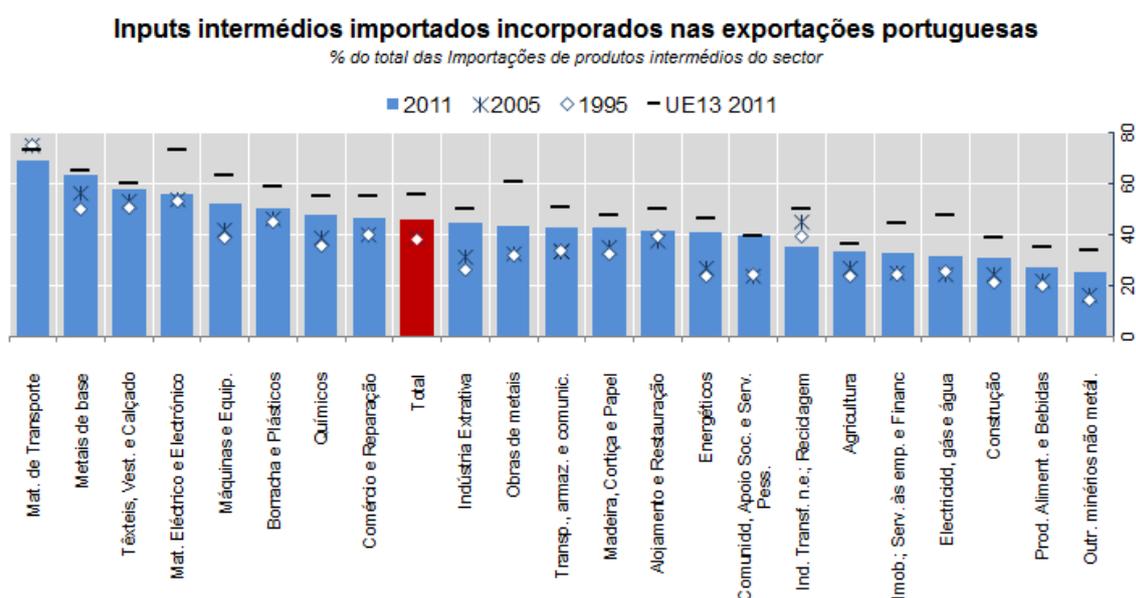
Em 2011, os inputs intermédios importados incorporados nas exportações, representaram 32,7% do total das exportações portuguesas.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

O setor exportador que absorve mais inputs intermédios importados, em percentagem do total das importações de inputs intermédios⁶, é o Material de Transporte (69,2%), ligeiramente abaixo do que se verifica, no conjunto dos países do alargamento (UE13) (72,7%). Relativamente a 1995 ou mesmo 2005, regista-se uma redução possivelmente associada à entrada dos países da Europa de Leste na União Europeia e a conseqüente deslocalização de IDE (de referir que entre 1995 e 2005 a UE13 passou de um valor de 49% para 73,7%). Seguem-se os Metais de Base (63,5%), os Têxteis, Vestuário e Calçado (57,5%), o Material Elétrico e Eletrónico (55,5%) e as Máquinas e Equipamentos (52%). A elevada proporção de inputs intermédios importados para incorporação na exportação destes setores sugere uma forte integração nas cadeias de valor globais.

Os Outros Minérios não Metálicos (25,4%) e os Produtos Alimentares e Bebidas (27,4%), são aqueles cuja proporção é inferior.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

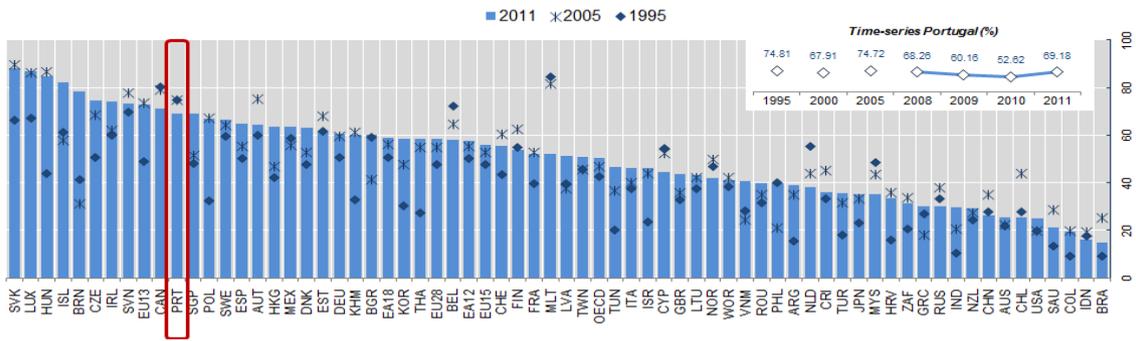
Portugal compara sempre abaixo do conjunto dos países do alargamento (UE13), em todos os setores, no entanto, a maior distância relativamente ao padrão da UE13, verifica-se no caso das Obras de Metais (43,1% contra 60,6% em 2011) e Material Elétrico e Eletrónico (55,5% contra 72,7%).

Detalhando para alguns dos principais setores apontados, tem-se que, no contexto internacional, Portugal ocupa uma posição mais avançada no ranking, no setor do Material de Transporte e nos Têxteis, Vestuário e Calçado.

No caso do Material de Transporte, Portugal figura no top dos países com maior incorporação de inputs intermédios importados nas exportações do setor, confirmando a sua integração nas cadeias de valor globais e indiciando uma maior presença em estágios mais avançados do processo produtivo.

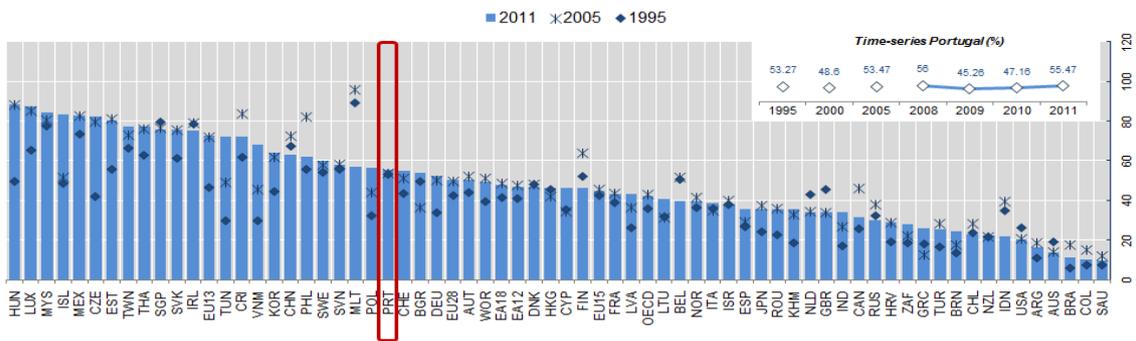
⁶ Muitos inputs intermédios contabilizados num determinado setor de importação, integram exportações de outros setores. Como tal não faz sentido pesá-los nas exportações quando se desce ao nível dos setores.

Material de Transporte - Inputs intermédios importados incorporados nas exportações
% do total das Importações de produtos intermédios de Material de Transporte



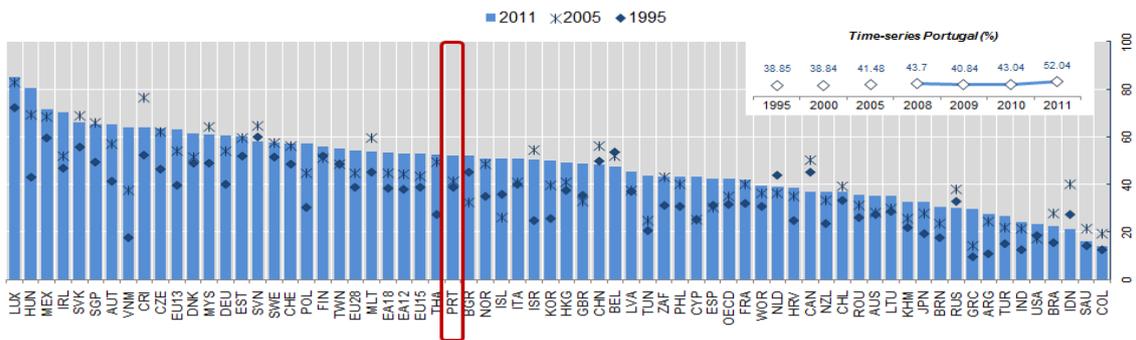
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Inputs intermédios importados incorporados nas exportações
% do total das Importações de produtos intermédios de Material Eléctrico e Electrónico



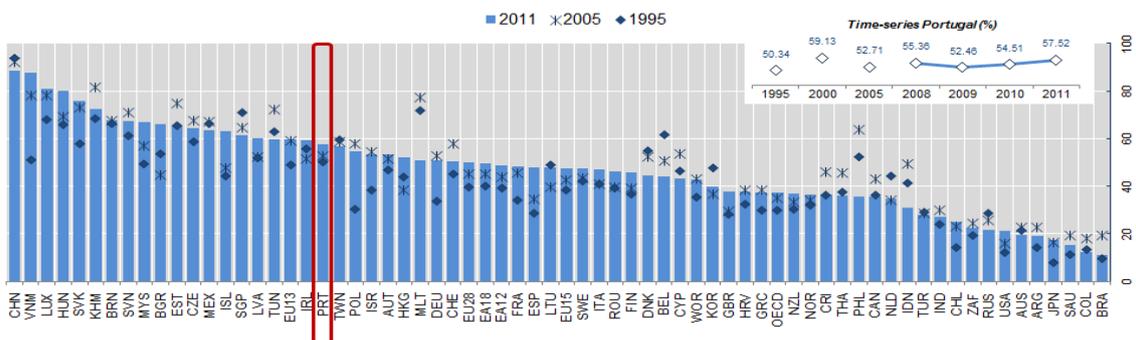
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Máquinas e Equipamentos - Inputs intermédios importados incorporados nas exportações
% do total das Importações de produtos intermédios de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Inputs intermédios importados incorporados nas exportações
% do total das Importações de produtos intermédios de Têxteis, Vestuário e Calçado



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

3 – A importância das Cadeias de Valor Globais e a sua medição

O funcionamento eficaz das redes de produção internacionais exige a combinação perfeita de inputs intermédios oriundos de diversos locais (OECD/AfDB/UNDP, 2014). Mas a proporção de inputs intermédios que atravessam as fronteiras para produzir outros bens de exportação é realmente significativa, o que, combinado com a crescente complexidade das conexões, distorce cada vez mais a interpretação das estatísticas convencionais do comércio internacional. As exportações requerem importações, os inputs intermédios são contabilizados mais do que uma vez ao longo da cadeia e a importância do produtor final da cadeia, enquanto parceiro comercial, é sobrevalorizada uma vez que é a este que se atribui a totalidade do valor comercial do bem ou serviço. Torna-se, pois, relevante avaliar com alguma precisão a participação de cada economia ao longo das cadeias de valor globais e interpretar corretamente a sua participação no comércio internacional.

Reconhecendo esta necessidade, a base de dados conjunta OCDE-OMC (Trade in Value Added – TiVA) combina matrizes de input-output e dados relativos aos fluxos comerciais por mercado e setor para estudar o processo de criação de valor no âmbito das redes internacionais de produção, sendo reconhecida como o esforço mais completo enquanto instrumento de cálculo do comércio em termos de valor acrescentado para países da OCDE e alguns países em desenvolvimento. Mas a compilação dos dados é recente.

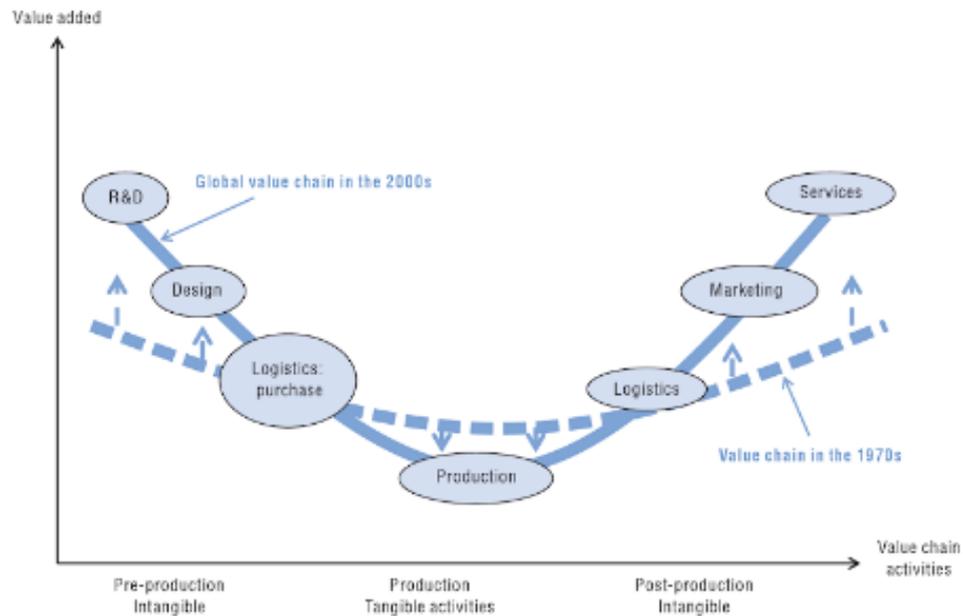
O ponto de partida é que em cada etapa destas redes de produção internacionais se acrescenta valor e que esse valor acrescentado se desloca entre países ao longo da cadeia sendo combinado com valor acrescentado de várias origens. O apuramento do comércio em termos de valor acrescentado considera o valor acrescentado incorporado num produto e a origem geográfica desse mesmo valor. Neste contexto, o valor bruto das exportações de um país decompõe-se em valor acrescentado nacional e valor acrescentado externo, consoante o rendimento dos fatores seja gerado interna ou externamente.

O nível de integração nas CVGs está associado ao conteúdo importado nas exportações (Amador e Stehrer, 2014). Existem dois tipos de participação nas CVG: a participação “backward” que se refere ao valor acrescentado estrangeiro incorporado nas exportações de um país (quantidade de bens e serviços que esse país importa para produzir as suas próprias exportações) e a participação “forward” que se refere à percentagem de valor acrescentado nacional incorporado nas exportações de outros países.

A participação dos países nestas cadeias de valor oferece novas oportunidades para impulsionar transformações estruturais capazes de gerar ou acelerar o crescimento económico, uma vez que há transferência de tecnologia e difusão de conhecimento que aumenta o nível de competência da mão-de-obra local e favorece o upgrade na economia. No entanto, o processo de integração nas CVGs depende fortemente das vantagens comparativas que cada país apresenta nestas redes internacionais de produção, retendo que no contexto das cadeias de valor a especialização produtiva assenta menos em setores ou produtos e mais em tarefas, etapas ou segmentos da cadeia. Naturalmente, a capacidade de posicionamento nas tarefas que envolvem elevada criação de valor é verdadeiramente crucial para determinar a capacidade de crescimento do produto interno na economia (Amador e Stehrer, 2014). Conforme ilustrado na “Smiling Curve”⁷, o posicionamento em atividades que se situam nas fases iniciais e finais da cadeia produtiva, como investigação e desenvolvimento (I&D), design, marketing e serviço pós-venda, envolvem uma elevada incorporação de valor acrescentado.

⁷ “The smiling curve” é um conceito originalmente utilizado por Stan Shih, fundador da ACER, para ilustrar o valor acrescentado gerado em cada etapa da cadeia produtiva. Existe um “smile” se as ocupações incorporadas nas exportações transitarem dos níveis intermédios de produção, especialmente a montagem (centro), para os extremos (direita e esquerda) da curva, i.e., etapas pré e pós fabricação. Esta ilustração em específico foi retirada de OECD, 2013a.

- “The Smiling Curve” -



Fonte: OCDE, 2013a

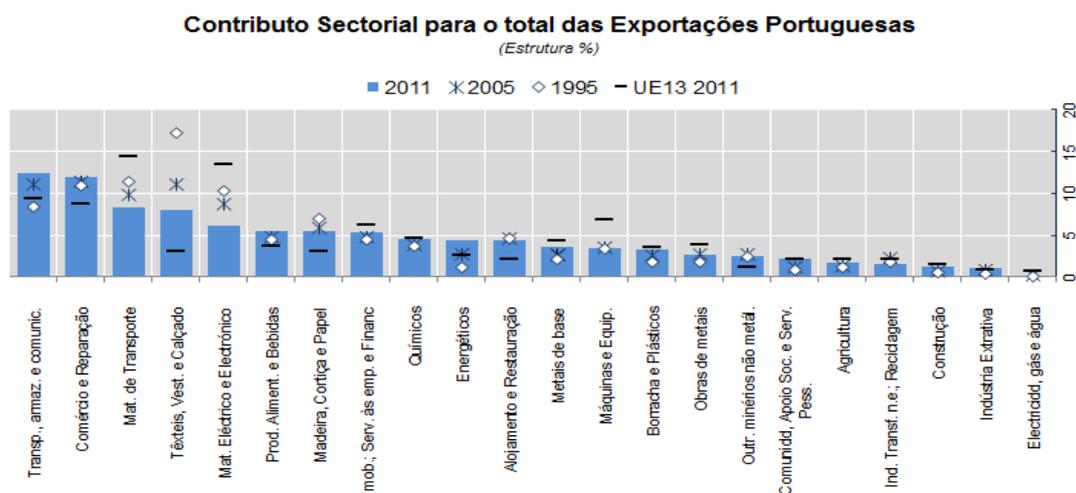
Com base na informação da OCDE-OMC, interessa identificar os setores que apresentam maior integração, as ligações geográficas deste fenómeno mas sobretudo considerar os fluxos de comércio internacional em termos de valor acrescentado para melhor compreender as implicações desta nova configuração de produção e comércio internacional na performance externa da economia portuguesa, nomeadamente na capacidade da atividade exportadora gerar ganhos em termos de valor acrescentado e servir como catalisador do crescimento.

3.1 – O Comércio Internacional português à luz da sua participação nas cadeias de valor globais

Entre 1995 e 2005 ocorreu uma abertura significativa da Europa ocidental a países abundantes em mão-de-obra barata e pouco qualificada. A progressiva integração dos países da Europa de Leste na economia europeia, desde meados dos anos 90 e a liberalização do comércio mundial entre 1995 e 2004 enfraqueceram as condições de atratividade de Portugal como destino de investimento direto estrangeiro (IDE) dirigido ao setor exportador. Esta abertura comercial conduziu a ganhos económicos globais para a Europa e para o resto do mundo. Não obstante, a evidência empírica sugere que a mesma representou um choque negativo muito profundo sobre a competitividade das exportações portuguesas (Leão e Nogueira, 2014).

A estrutura das exportações portuguesas apresenta alterações bastante significativas, desde 1995. O impacto da nova realidade internacional implicou uma forte contração nas exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado, Material Elétrico e Eletrónico e Material de Transporte, setores apontados como os que apresentam maior índice de fragmentação produtiva internacional e, portanto, altamente expostos à concorrência internacional. Utilizando o conjunto dos países do alargamento (UE13) como referência para estudar o processo de ajustamento e posicionamento relativo de Portugal, tem-se que, apesar da forte contração nos Têxteis, Vestuário e Calçado, Portugal é relativamente mais especializado do que a UE13 nesta categoria, mas relativamente menos especializado no Material de Transporte e Material Elétrico e Eletrónico.

Em 2011 o Transporte, armazenagem e comunicação é o setor mais representativo no total das Exportações Portuguesas (12,4%). Segue-se o Comércio e Reparação (11,9%), o Material de Transporte (8,3%), os Têxteis, Vestuário e Calçado (8%), o Material Elétrico e Eletrónico (6,1%), os Produtos Alimentares e Bebidas (5,5%) e a Madeira Cortiça e Papel (5,4%). No caso da UE13, os setores mais representativos são o Material de Transporte (14,4%) e o Material Elétrico e Eletrónico (13,4%), sendo estes muito mais participativos no total, quando comparados com o padrão português.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

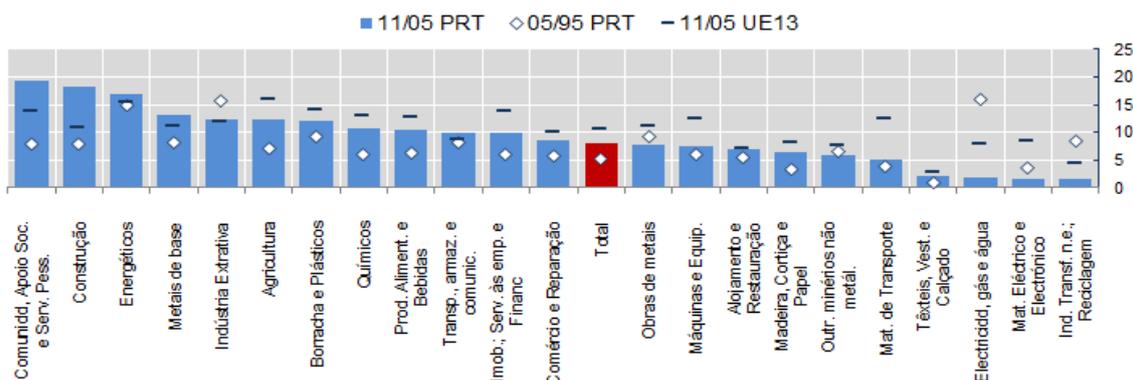
Depois de 2005, as exportações portuguesas cresceram a um ritmo superior ao verificado na década 1995-2005. A reestruturação de alguns setores, alterações nas características das empresas exportadoras e um maior empenho na atividade exportadora focalizado na diversificação de produtos e de

mercados com especial destaque para o espaço extracomunitário, ajudam a explicar este comportamento.

Os serviços à Comunidade, Apoio Social e Serviços Pessoais (onde se inclui, entre outros, a Administração Pública, Defesa, Educação e Saúde), a Construção e os Energéticos apresentam o maior dinamismo no período 2005-2011.

Crescimento médio anual (%) nominal das exportações portuguesas

1995-05 ; 2005-11



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

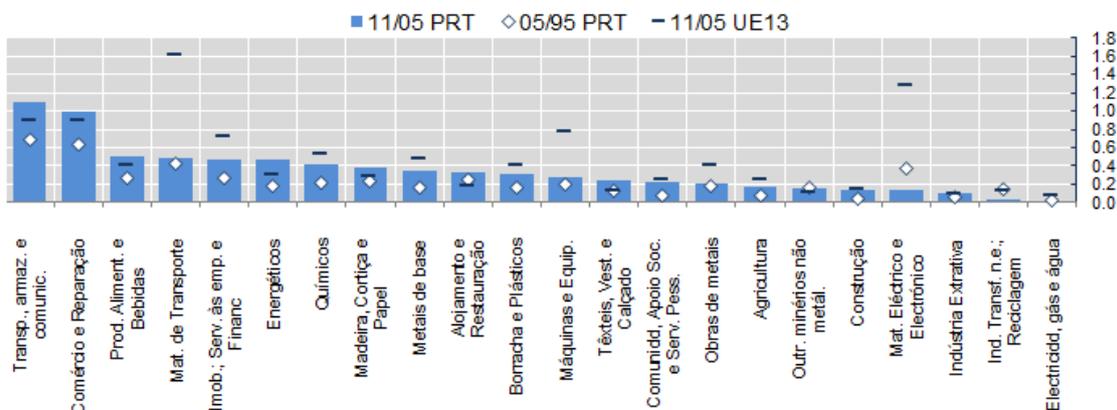
Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

Os principais catalisadores do crescimento das exportações portuguesas, neste período, são o Transporte, armazenagem e comunicação, o Comércio e Reparação e os Produtos Alimentares e Bebidas.

Paralelamente, no mesmo período, o Material de Transporte e o Material Elétrico e Eletrónico são indiscutivelmente os grandes catalisadores do crescimento das exportações do conjunto dos países do Alargamento (UE13).

Contributo (p.p.) sectorial para o crescimento das exportações portuguesas

1995-05 ; 2005-11



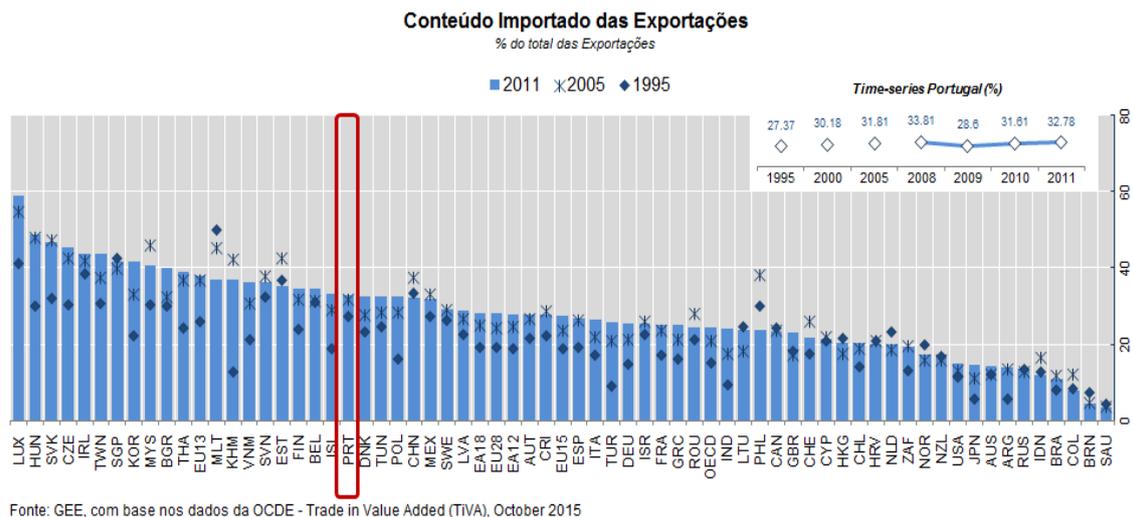
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

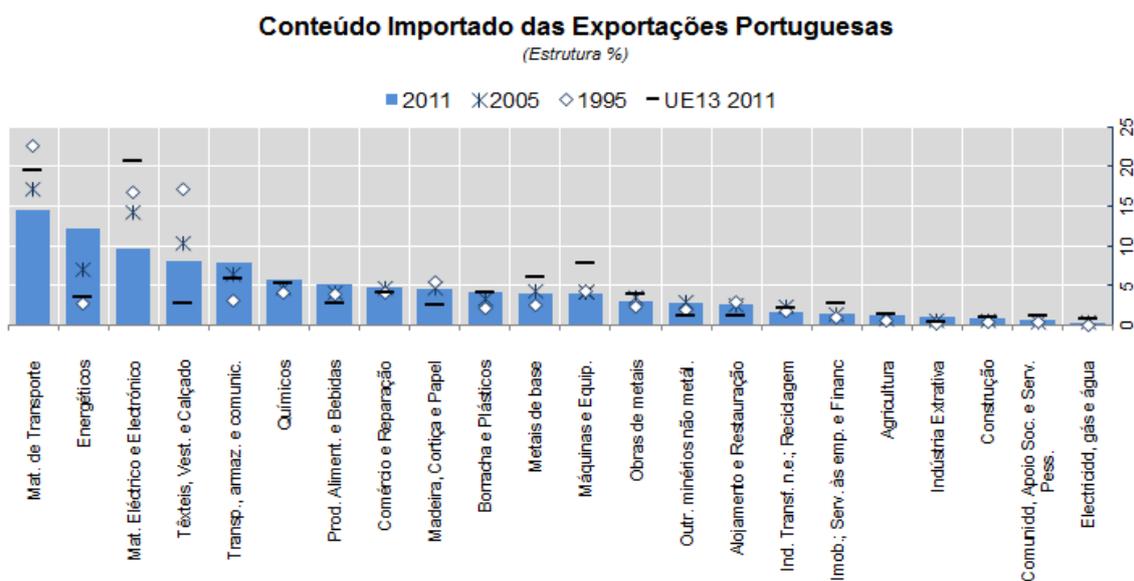
A própria aceleração da globalização também pode ajudar a explicar a evolução do grau de internacionalização da economia portuguesa. A integração nas cadeias de valor globais é confirmada pela

crecente incorporação de conteúdo importado nas exportações, em linha com o que se verifica nos outros países.

Em 2011, o conteúdo importado das exportações portuguesas (VAE), foi de 32,8%, acima do que se verifica na maioria dos países da europa ocidental, mas abaixo do que se verifica no conjunto dos países do alargamento (UE13) (38%).

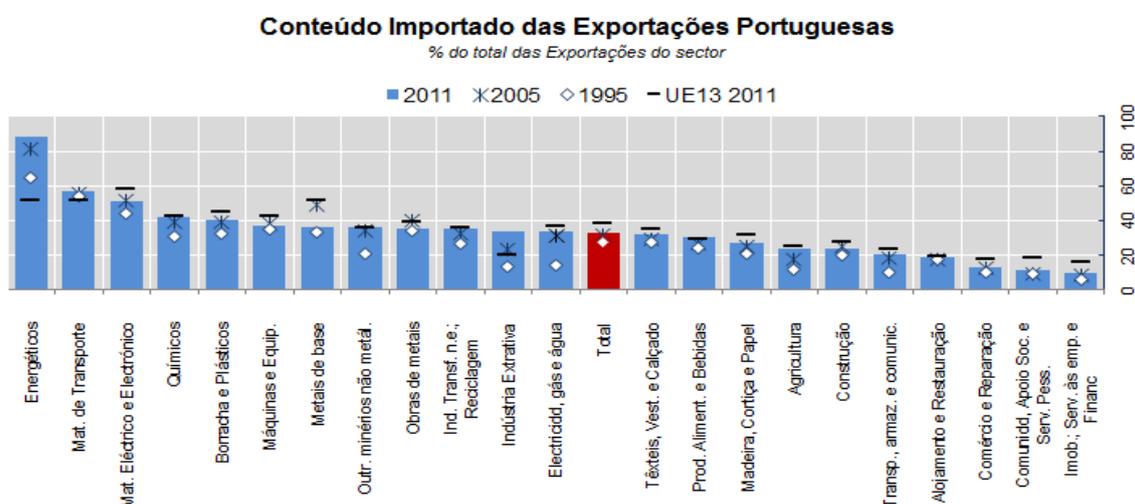


Descendo ao nível sectorial, em termos globais, o setor exportador que absorve o maior conteúdo importado na economia é o Material de Transporte (4,7% do total das exportações em 2011 correspondendo a 14,5% do total do VAE em 2011, contra 22,7% em 1995). Seguem-se os Energéticos (3,9% correspondendo a 12,1% contra apenas 2,7%), o Material Elétrico e Eletrónico (3,1% correspondendo a 9,5% contra 16,8%) e os Têxteis, Vestuário e Calçado (2,6% correspondendo a 8% contra 17,2%).



No caso do conjunto dos Países do Alargamento UE13, o conteúdo importado está essencialmente concentrado no Material Elétrico e Eletrónico (7,8% do total das exportações em 2011 correspondendo a 20,6% do total do VAE) e Material de Transporte (7,4% correspondendo a 19,5% do VAE).

Em termos relativos, o setor exportador que incorpora maior conteúdo importado, em percentagem do total das suas próprias exportações, sugerindo, portanto, uma maior integração nas cadeias de valor globais, é o setor dos Energéticos (88,4%), bastante acima do que se verifica, no conjunto dos países do alargamento (UE13) (51,7%). Neste ponto, interessa referir que Portugal tem vindo a assumir um papel crescente enquanto exportador de energéticos, no entanto, não sendo um país produtor de petróleo, procede à importação da matéria-prima associada para refinação e posterior exportação. Naturalmente, a matéria-prima importada, assume um peso bastante significativo no total das exportações do setor.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

Segue-se o Material de Transporte (56,7%) e o Material Elétrico e Eletrónico (50,9%). São setores intensivos em capital, cuja atividade, implica também uma forte componente importada.

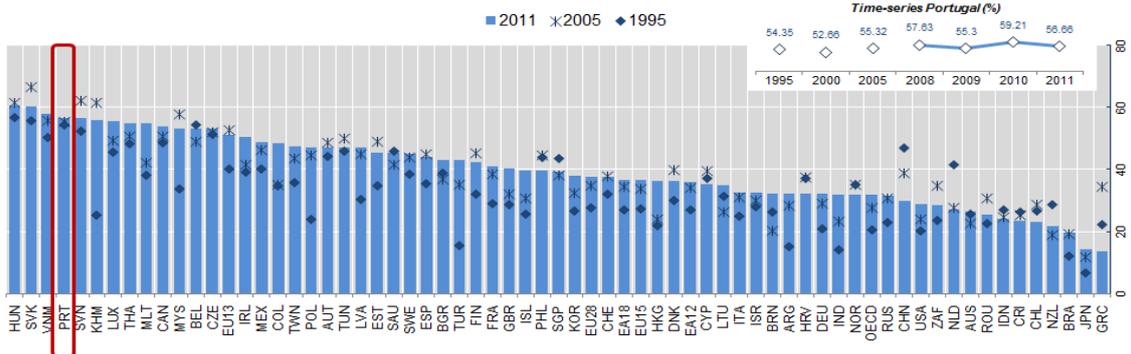
De entre os setores da indústria transformadora, os Têxteis, Vestuário e Calçado (32,5%), os Produtos Alimentares e Bebidas (30,5%) e a Madeira, Cortiça e Papel (27,1%) apresentam um perfil de exportação relativamente menos intenso em conteúdos importados que a média nacional.

No caso do conjunto dos países do alargamento (UE13), o Material Elétrico e Eletrónico (57,9%) é o setor exportador que incorpora maior conteúdo importado, em percentagem do total das suas próprias exportações. Seguem-se os Energéticos (51,7%), os Metais de Base (51,5%) e o Material de Transporte (51,3%).

No âmbito dos setores que apresentam maior índice de fragmentação, importa destacar que Portugal é o quarto país com maior conteúdo importado nas suas exportações de Material de Transporte, a seguir à Hungria, Eslováquia e Vietname, sugerindo uma elevada participação nas CVGs.

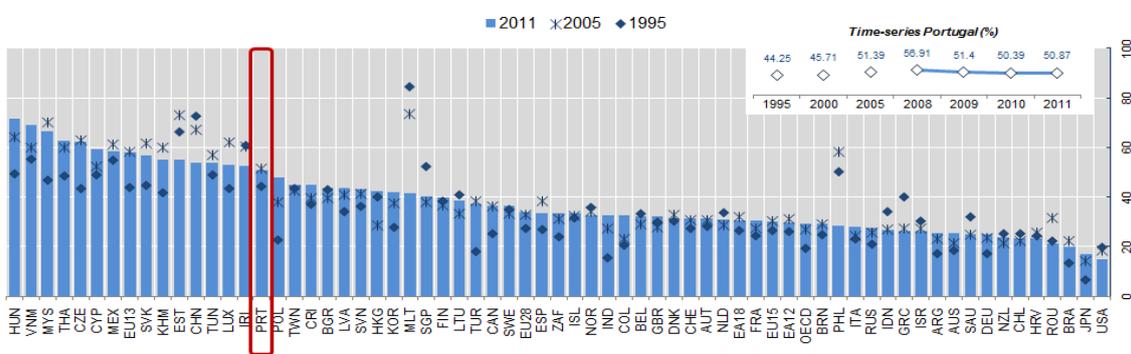
Nos restantes setores, Portugal compara sempre bastante abaixo do conjunto dos países do alargamento (UE13).

Material de Transporte - Conteúdo Importado das Exportações
% do total das Exportações de Material de Transporte



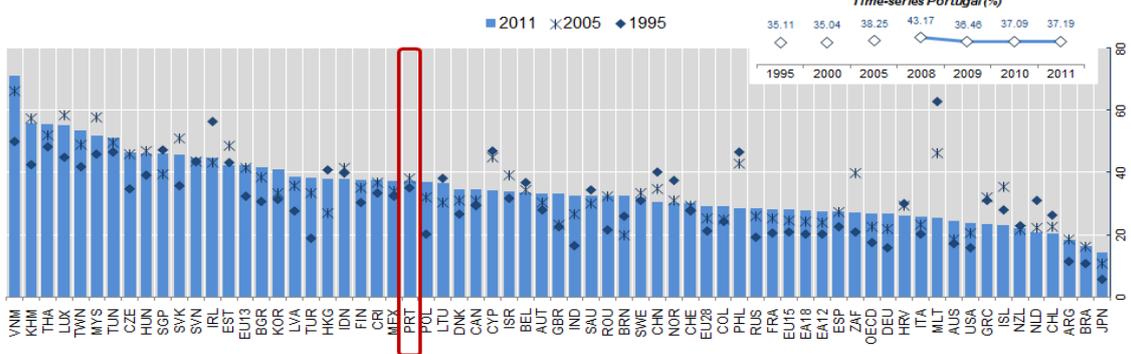
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Conteúdo Importado das Exportações
% do total das Exportações de Material Eléctrico e Electrónico



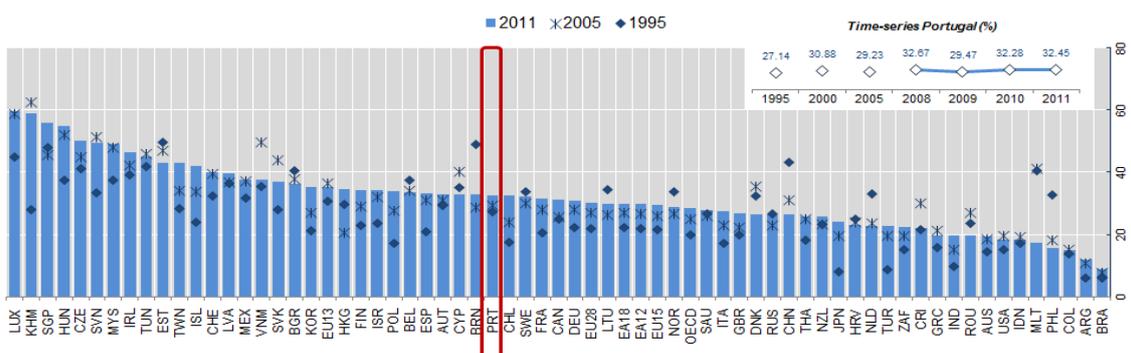
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Máquinas e Equipamentos - Conteúdo Importado das Exportações
% do total das Exportações de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Conteúdo Importado das Exportações
% do total das Exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado

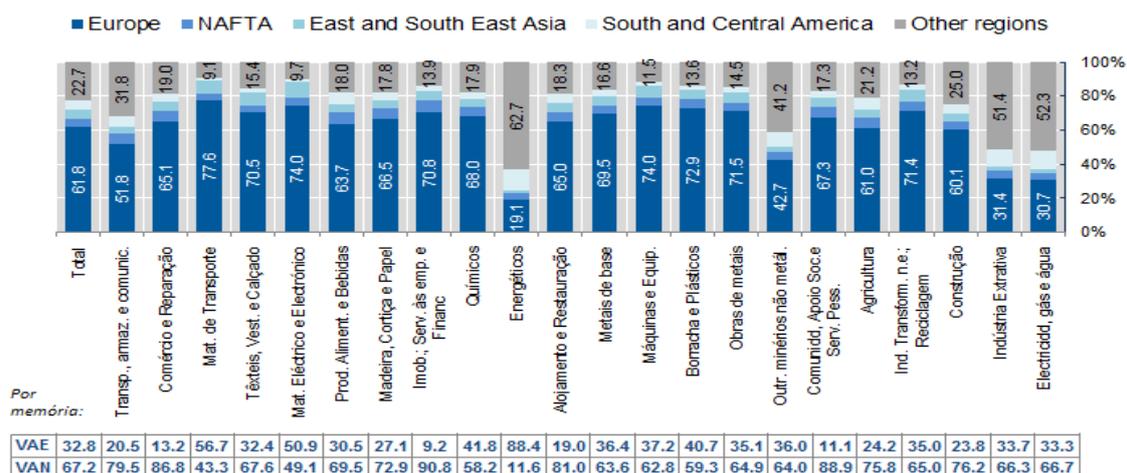


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

As cadeias de valor são realmente globais?

Em média, 61.8% do conteúdo importado das exportações portuguesas tem origem na Europa. No entanto, este mercado é bastante mais representativo no Material de Transporte (77,6%), Material Elétrico e Eletrónico e Máquinas e Equipamentos (ambos com 74%), sugerindo um carácter mais regional das cadeias de valor em que Portugal participa.

Origem do Conteúdo Importado das exportações portuguesas em 2011

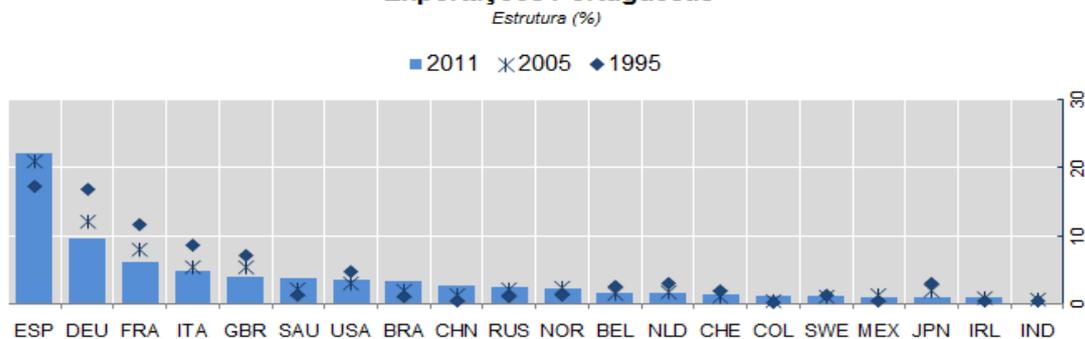


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), Origin of VA in Gross Exports, October 2015

Nota: Sectores ordenados por ordem decrescente do valor de exportações no ano 2011

A Espanha é o principal país de origem do conteúdo importado das Exportações Portuguesas e o seu peso tem vindo a aumentar (22,1% do total do VAE em 2011 contra 17,1% em 1995). Segue-se a Alemanha que regista uma contração muito significativa relativamente a 1995 (9,6% contra 16,8%, respetivamente), a França (6,2%), a Itália (4,9%) e o Reino Unido (4%), também eles com representatividades decrescentes no período em análise. A China é já o 9º principal mercado de origem do conteúdo importado incorporado nas Exportações Portuguesas (2,6% em 2011 contra 0,4% em 1995).

Principais mercados de origem do Conteúdo Importado incorporado nas Exportações Portuguesas



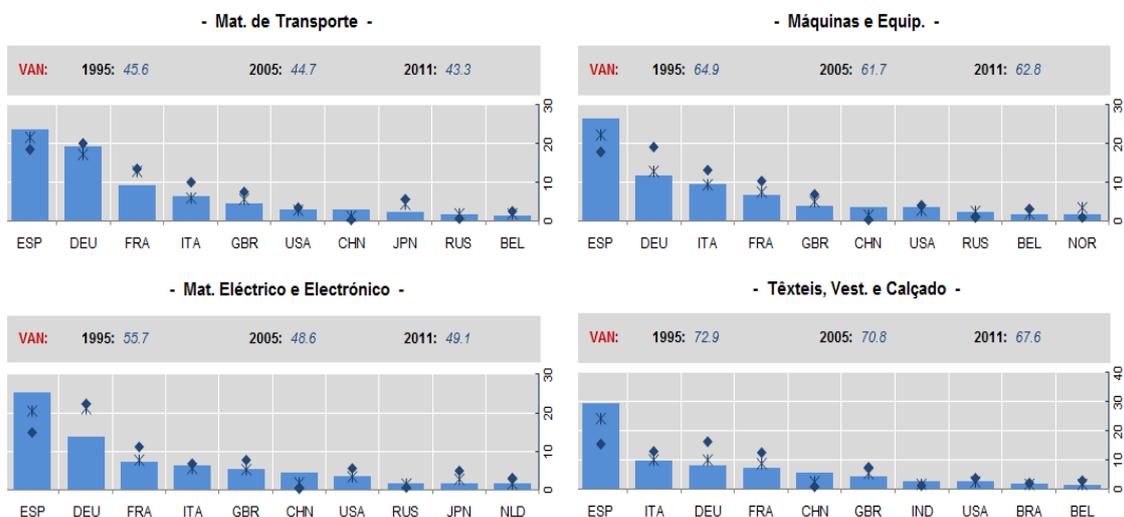
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), Origin of VA in Gross Exports, October 2015

Em termos sectoriais, a Alemanha manteve a sua representatividade no Material de Transporte, mas tem perdido noutros setores como as Máquinas e Equipamentos, Material Elétrico e Eletrónico e Têxteis, Vestuário e Calçado. Por outro lado, a China tem vindo a assumir uma importância crescente em todos eles, sendo relativamente mais representativa no setor dos Têxteis, Vestuário e Calçado (5,5%)

Principais mercados de origem do Conteúdo Importado incorporado nas Exportações Portuguesas

Estrutura (%)

■ 2011 ✕ 2005 ◆ 1995



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TiVA), Origin of VA in Gross Exports, October 2015

O residual do conteúdo importado das exportações é, naturalmente, o conteúdo doméstico das exportações. Portanto, da análise do gráfico referente ao Conteúdo Importado nas exportações portuguesas podemos também perceber a proporção de conteúdos nacionais em cada setor.

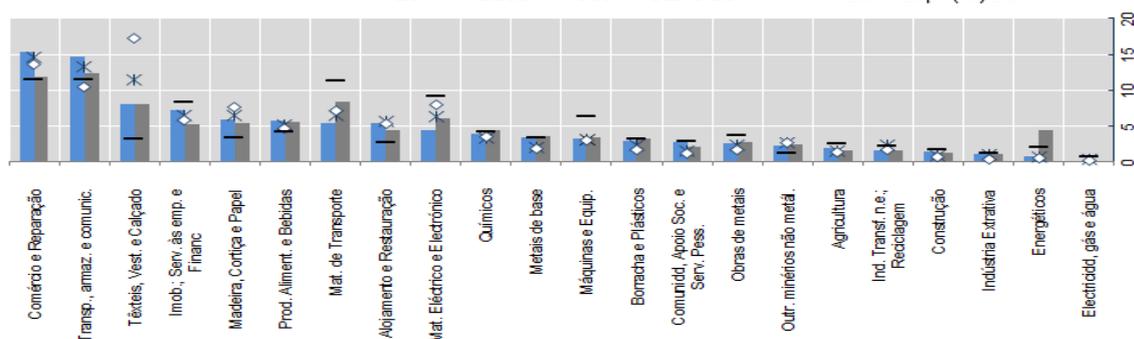
A proporção de conteúdos nacionais incorporada nas exportações é, normalmente, relativamente mais elevada em setores de serviços. Ainda assim três setores, neste caso da indústria transformadora, se destacam, apresentando uma incorporação valor acrescentado nacional (VAN) superior à média nacional (67,2%). São tradicionais e/ou valorizam os recursos nacionais endógenos diferenciadores: Têxteis, Vestuário e Calçado (67,5%), Produtos Alimentares e Bebidas (69,5%) e Madeira, Cortiça e Papel (72,9%).

Se compararmos a estrutura sectorial das exportações portuguesas em termos brutos com a estrutura sectorial em termos de valor acrescentado incorporado, temos que, o Comércio e Reparação é o setor que, transversalmente, incorpora maior valor acrescentado nacional nas exportações (10,4% do total das exportações correspondendo a 15,4% do total do VAN em 2011), o segundo principal setor exportador português quando considerado em termos brutos.

Conteúdo Doméstico (VAN) incorporado nas exportações portuguesas

Estrutura (%)

■ 2011 ✕ 2005 ◆ 1995 - UE13 2011 ■ Estr. Exp. (%) 2011



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TiVA), October 2015

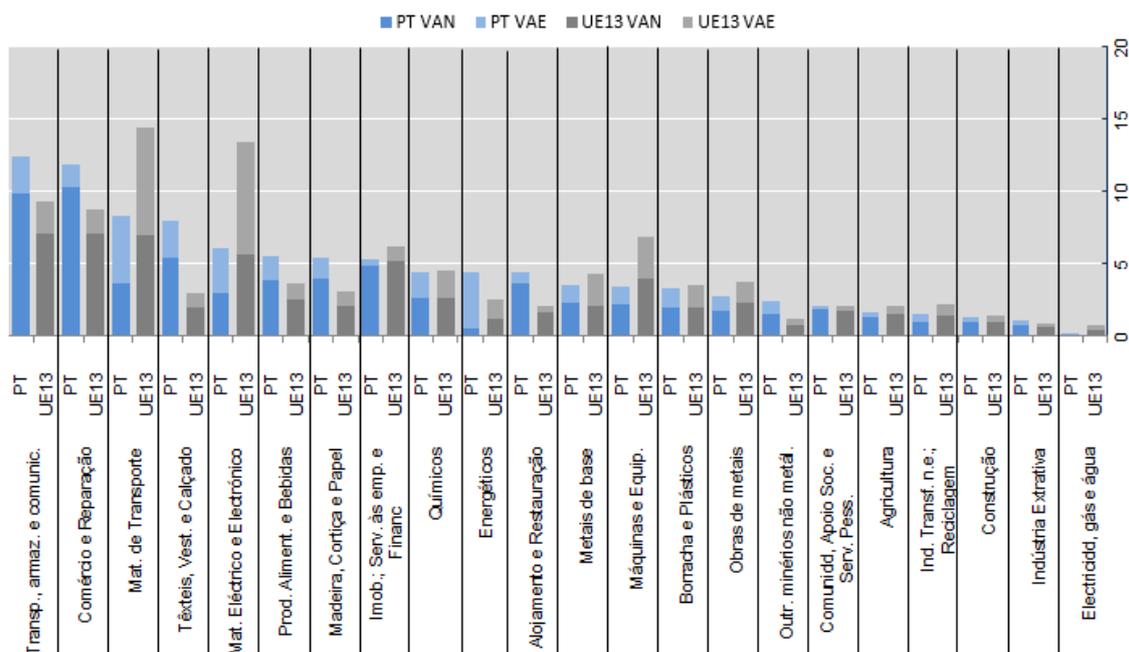
Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

Os Têxteis, Vestuário e Calçado, que em 1995 lideravam o ranking em questão (17,3%), são agora o terceiro setor mais representativo na incorporação de valor acrescentado nas exportações (5,4% no total das exportações correspondendo a 8% do total do VAN em 2011), tendo registado uma enorme quebra na sua representatividade no período em análise.

No conjunto dos países do alargamento (UE13), o Comércio e Reparação (7,2% do total das exportações correspondendo a 11,5% do total do VAN) é também o setor que, transversalmente, incorpora mais VAN nas exportações portuguesas, no entanto, em Portugal este setor é relativamente mais representativo. Também no caso do Transporte, armazenagem e comunicação (14,7% do total do VAN), Têxteis, Vestuário e Calçado (8%), Madeira, Cortiça e Papel (5,9%), Produtos Alimentares e Bebidas (5,7%) e Alojamento e Restauração (5,3%) se regista uma participação na incorporação de VAN superior à verificada no conjunto dos países do alargamento (UE13). Por outro lado, Portugal compara bastante abaixo no caso do Material de Transporte (5,3% contra 11,3%), Material Elétrico e Eletrónico (4,4% contra 9,1%) e Máquinas e Equipamentos (3,2% contra 6,4%).

Resumidamente e comparando a estrutura sectorial das exportações portuguesas com a estrutura sectorial das exportações do conjunto dos países do alargamento (UE13), distinguindo entre o que é valor acrescentado nacional (VAN) e conteúdo importado (VAE), ficam mais óbvias as diferenças nos perfis de exportação e conteúdo doméstico (por oposição ao conteúdo externo) em cada setor.

Estrutura sectorial das exportações portuguesas, 2011
(Estrutura %)



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TiVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

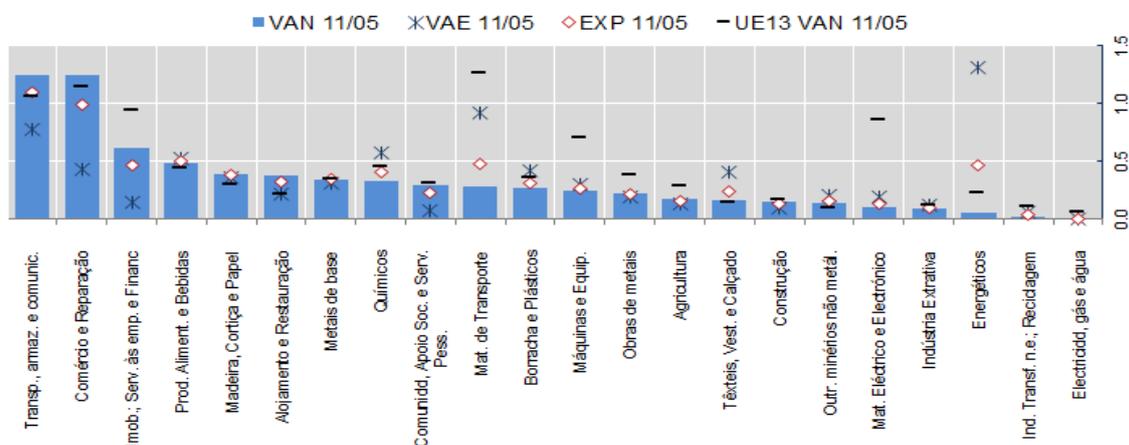
De facto o Transporte, armazenagem e comunicação é o principal setor exportador português, mas o Comércio e Reparação é o setor que, transversalmente, incorpora maior valor acrescentado nacional nas exportações. Da mesma forma, os Têxteis, Vestuário e Calçado, apesar de serem relativamente menos representativos que o Material de Transporte no total das exportações em termos brutos, são bastante mais representativos na incorporação nacional de conteúdo doméstico nas exportações.

O caso dos Energéticos também merece destaque. No total, em termos brutos, o peso deste setor foi em 2011 semelhante ao do Alojamento e Restauração (ambos com 4,45% do total das exportações

portuguesas). No entanto, a exportação de valor acrescentado nacional inerente ao setor dos Energéticos é, comparativamente, bastante mais reduzida (0,77% do total do VAN contra 5,34%).

As taxas de crescimento das exportações em termos brutos, do conteúdo doméstico incorporado nas exportações e do conteúdo externo, podem ser decompostas nos contributos dos diferentes setores de atividade. O setor do Transporte, Armazenagem e Comunicação regista o maior contributo para o crescimento das exportações portuguesas, em termos absolutos, entre 2005 e 2011. Este mesmo setor apresenta, também, o maior contributo sectorial para o crescimento do VAN incorporado nas exportações, em linha com o setor do Comércio e Reparação. No entanto, o Comércio e Reparação apresenta um contributo para o crescimento do VAE incorporado nas exportações visivelmente inferior ao contributo do setor do Transporte, Armazenagem e Comunicação. O setor dos Energéticos e o Material de Transporte são os setores que contribuem mais para o crescimento do VAE incorporado nas exportações.

Contributo (p.p.) sectorial para o crescimento das exportações, do VAN e do VAE
2005 - 2011



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

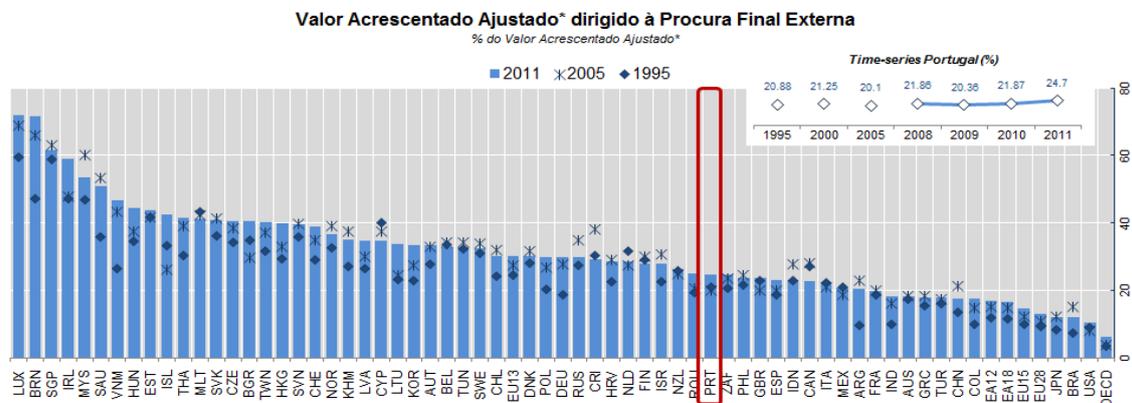
No conjunto dos países do alargamento (UE13) o Material de Transporte é aquele que mais contribui para o crescimento do VAN incorporado nas exportações. Segue-se o Comércio e Reparação, o Transporte, armazenagem e comunicação, o Imobiliário, Serviços às Empresas e Serviços Financeiro, o Material Eléctrico e Electrónico e as Máquinas e Equipamentos.

Mas até que ponto é que o valor acrescentado de um país e dos seus setores se encontra orientado para a procura final externa?

O conteúdo doméstico incorporado nas exportações de um setor resulta não só do valor acrescentado gerado pelo próprio setor exportador, mas também do contributo de todos os outros setores, sob a forma de fornecimento de inputs para a produção. Além disso, uma vez que, no contexto das cadeias de valor, o processo produtivo é decomposto em múltiplas etapas realizadas separadamente em diversos países, os parceiros diretos de um determinado país podem não coincidir com os consumidores finais do valor acrescentado incorporado nas exportações desse país. Neste contexto, importa perceber qual a orientação de um setor para a procura final externa e quais são efetivamente os destinatários do VAN.

No contexto internacional, verifica-se uma grande disparidade entre os Estados-Membros. No caso do Luxemburgo, em 2011, mais de 70% do valor acrescentado destina-se à exportação. No caso da Irlanda, por exemplo, totaliza quase 60%. Em Portugal, o peso do Valor Acrescentado Ajustado dirigido à Procura

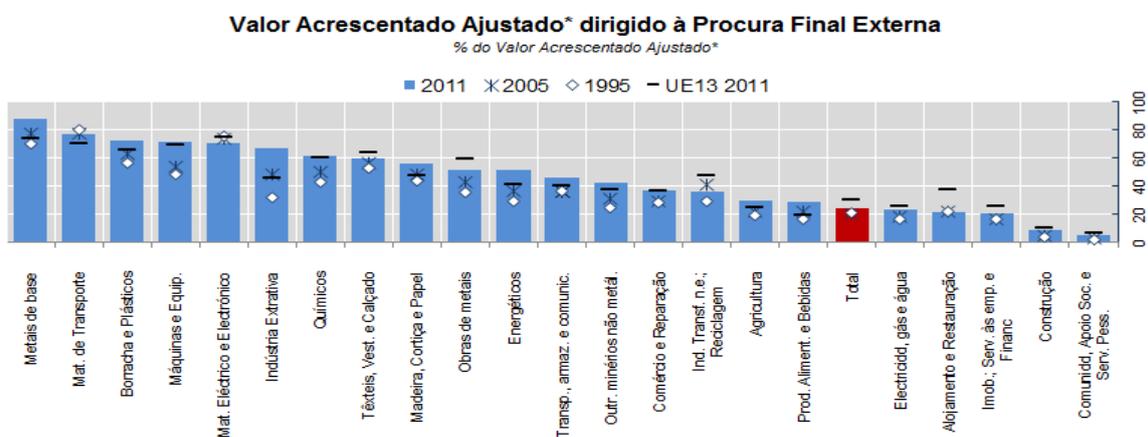
Final Externa, é bastante mais moderado (24,7%), mas acima do que se verifica, por exemplo, no Reino Unido (23,7%), Espanha (23,1%), Itália (21,9%), França (19,8%), ou EUA (10,4%), onde a procura interna é mais expressiva. Claramente, há aqui um efeito escala, uma vez que são países cujo mercado doméstico tem uma dimensão muito importante, quando comparado com pequenas economias, como é o caso de Portugal.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015
* para ser consistente com a procura final (doméstica e externa) que exclui 'variação de existências'.

Em termos sectoriais, a maior orientação para a procura final externa verifica-se no setor dos Metais de Base que exporta quase 90% do seu valor acrescentado. Segue-se o Material de Transporte (76,7%), Borracha e Plásticos (72,3%), Máquinas e Equipamentos (71,4%) e Material Elétrico e Eletrónico (70,7%).

No caso do conjunto dos países do alargamento (UE13), o Material Elétrico e Eletrónico (75,2%) é aquele que apresenta maior orientação para a procura final externa.



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015
* para ser consistente com a procura final (doméstica e externa) que exclui 'variação de existências'.
Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

Quem são afinal os mercados de destino desse valor acrescentado?

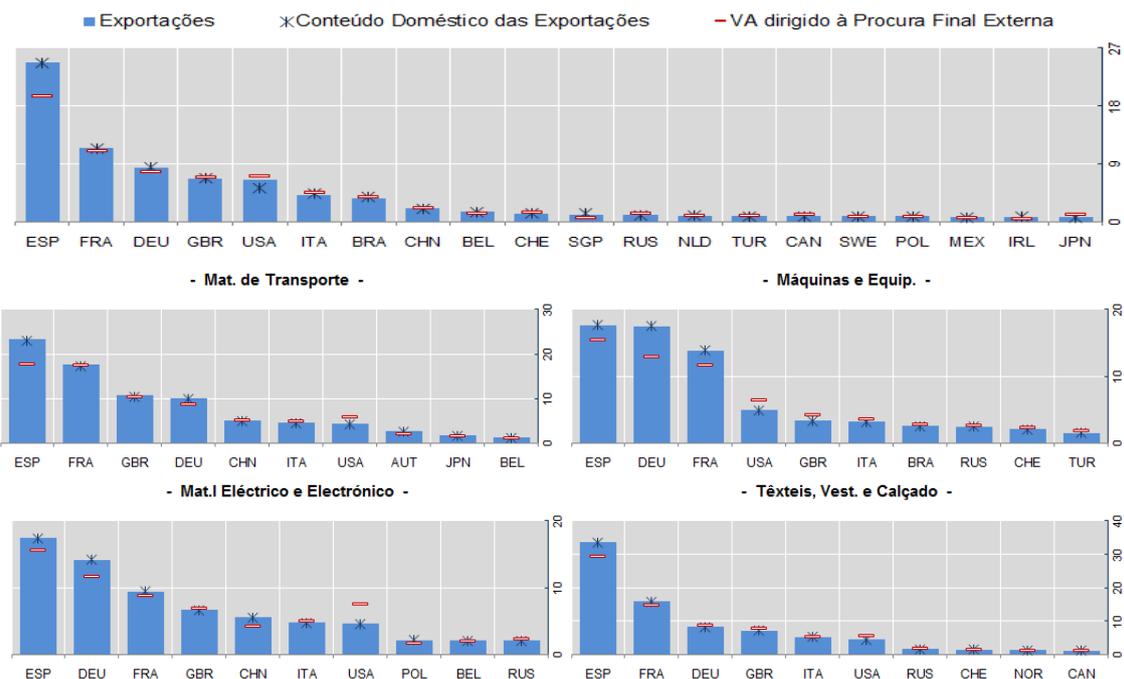
A Espanha é o principal mercado de destino das Exportações Portuguesas. Em termos brutos este mercado representa 25,2% do total, mas em termos de valor acrescentado (Conteúdo Doméstico nacional incorporado na Procura Final Externa portuguesa), representa apenas 20,3%. O mesmo se verifica nas exportações para França (11,6% contra 11,4%) e Alemanha (8,6% contra 8,1%), o que significa que há

valor acrescentado formado em Portugal que está presente nas exportações destes mercados para outros países, nomeadamente para os EUA, Itália, Brasil e Reino Unido.

Essa divergência é também visível ao nível sectorial sendo mais vincada no caso do Material Elétrico e Eletrónico e no caso das Máquinas e Equipamentos, uma vez que em ambos os casos se verifica que há uma parte considerável de valor acrescentado formado em Portugal que a Espanha, a Alemanha e a França incorporam nas suas exportações para outros mercados, nomeadamente EUA e Reino Unido.

Principais mercados de destino das Exportações Portuguesas, 2011

Estrutura (%)



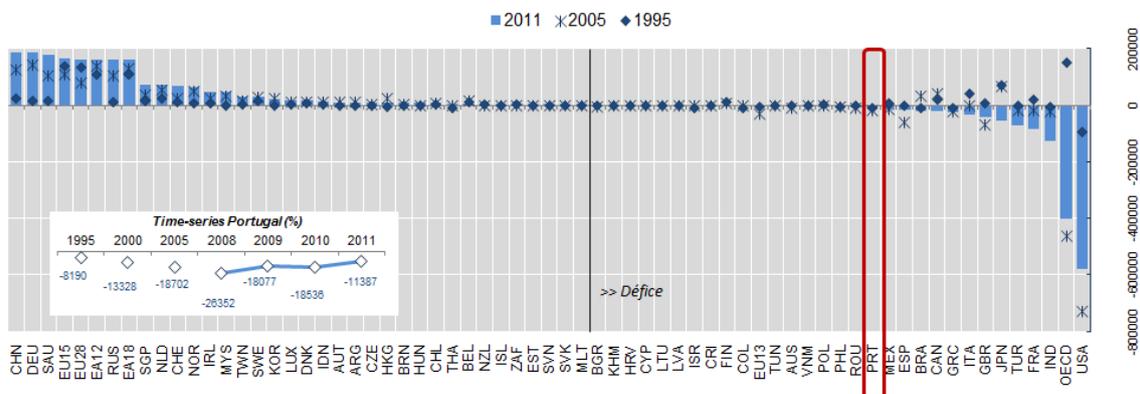
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O Valor Acrescentado dirigido à Procura Final Externa inclui o que directa - via exportação portuguesa - ou indirectamente - através das exportações de outros países - alcançará utilizadores de um determinado país.

A Balança Comercial portuguesa, tradicionalmente deficitária, também revela diferenças quando apurada em termos brutos ou em valor acrescentado, desagregada a nível geográfico e sectorial.

Saldo da Balança Comercial

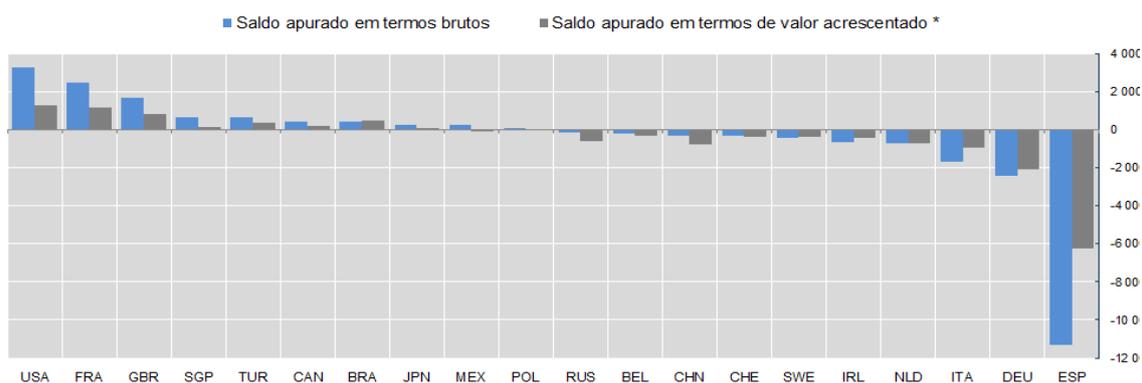
Milhões de USD



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

No contexto dos 20 principais mercados de destino das Exportações Portuguesas, o comércio bilateral com Espanha regista o maior défice, no entanto, em termos de valor acrescentado (Conteúdo Doméstico na Procura final externa portuguesa - Conteúdo Externo da Procura Doméstica Final) esse défice é claramente inferior, sugerindo que Espanha incorpora valor acrescentado português nas suas exportações com destino a outros mercados. Por outro lado, no caso da China e da Rússia, por exemplo, o défice apurado em termos de valor acrescentado é mais expressivo, sugerindo que há valor acrescentado formado nestes países que chega a Portugal indiretamente, i.e., presente nas importações portuguesas com origem noutros mercados.

Saldo Comercial com principais mercados de destino das Exportações Portuguesas, 2011
Valores em milhões de USD



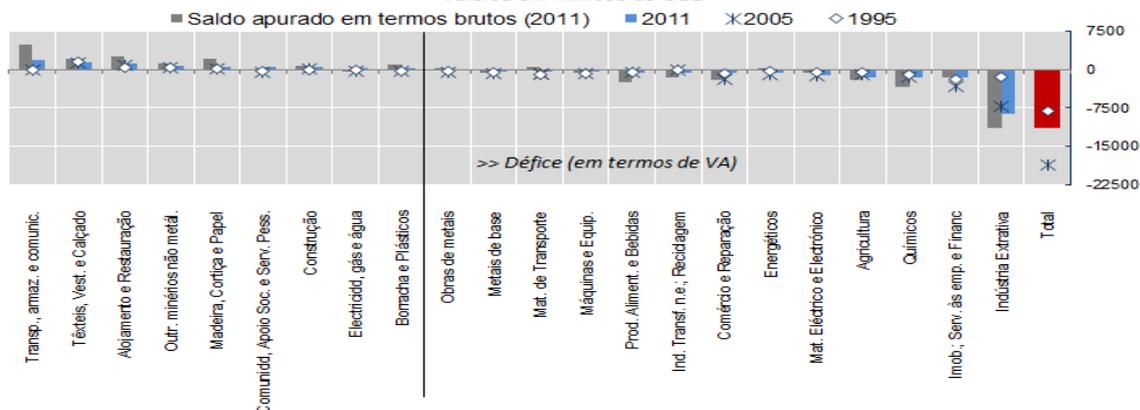
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015
* Conteúdo doméstico da procura externa final - Conteúdo externo da procura doméstica final

Os maiores excedentes verificam-se com os EUA, França e Reino Unido, no entanto, uma vez mais, em termos de valor acrescentado, esse excedente é claramente inferior.

No caso do México e da Polónia, o excedente transforma-se mesmo em défice, quando apurado em termos de valor acrescentado.

Também em termos sectoriais, se revelam algumas diferenças. O Material de Transporte e as Obras de Metais, por exemplo, apresentam um saldo positivo em termos brutos e um défice quando apurado em termos de valor acrescentado. O caso inverso verifica-se no setor Comunidade, Apoio Social e Serviços Pessoais.

Saldo Comercial por sector exportador em termos de valor acrescentado
Valores em milhões de USD



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015
* Conteúdo doméstico da procura externa final - Conteúdo externo da procura doméstica final

A importância dos serviços

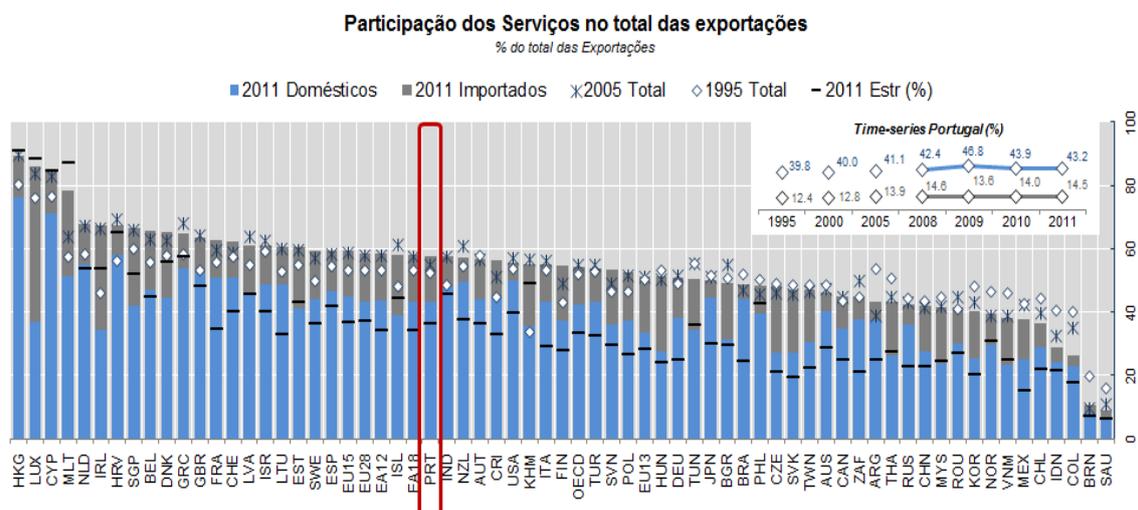
Os serviços são o elemento crítico do fenómeno das cadeias de valor globais. De facto, as cadeias de valor globais acentuaram a participação geográfica, com especial destaque para as economias emergentes, mas, decididamente, aumentaram também a participação sectorial nas várias fases do processo produtivo. A produção industrial depende cada vez mais do acesso a serviços eficientes de tal maneira que hoje em dia se fala da “servicificação” da produção industrial.

A participação dos serviços está relacionada com o próprio funcionamento das cadeias de valor globais, especialmente o transporte, a logística e o armazenamento, mas também serviços bancários, seguros, serviços empresariais, serviços profissionais e de comunicação. Estes serviços desempenham um papel crucial no comércio de bens, ao ajudar na deslocação eficiente de componentes através das fronteiras (Lesser, 2014; OCDE, 2013; FEM, 2012).

A origem dos serviços pode ser doméstica ou importada (offshoring), consoante os serviços sejam contratados domesticamente ou a nível internacional.

Na maioria das economias desenvolvidas, os serviços representam cerca de 70% do PIB. No entanto as exportações de serviços pesam relativamente pouco no total das exportações nacionais. Não obstante, em termos de valor acrescentado esse valor é normalmente bastante superior.

Em 2011, as exportações das rubricas de serviços pesaram 36,3% no total das exportações portuguesas. Já em termos de valor acrescentado, a participação dos Serviços no total das Exportações foi de 57,7%, bastante acima do conjunto dos países do Alargamento (UE13) (51,4%). No caso de Portugal, a componente doméstica de serviços é mais significativa (43,2% em 2011) do que a componente importada (14,5%).

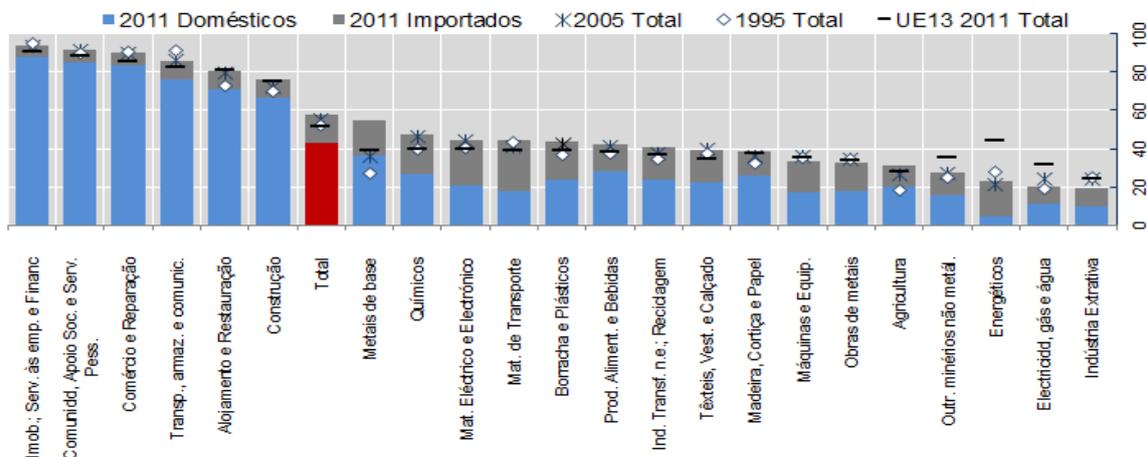


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Ignorando os setores de serviços, temos que o setor dos Metais de Base é aquele que revela maior “servicificação” total (54,5%), comparando bastante acima dos países do alargamento (UE13) (38,8%). Seguem-se os Químicos (47,3%), o Material Elétrico e Eletrónico e o Material de Transporte (ambos com 44,5%). Os Outros Minérios não Metálicos (27,4%), os Energéticos (22,8%), a Eletricidade, gás e água (20,1%) e a Indústria Extrativa (19,3%) revelam menor “servicificação” e comparam abaixo do conjunto dos países do alargamento (UE13).

Participação dos Serviços no total das Exportações por Sector Exportador

% do total das Exportações do sector



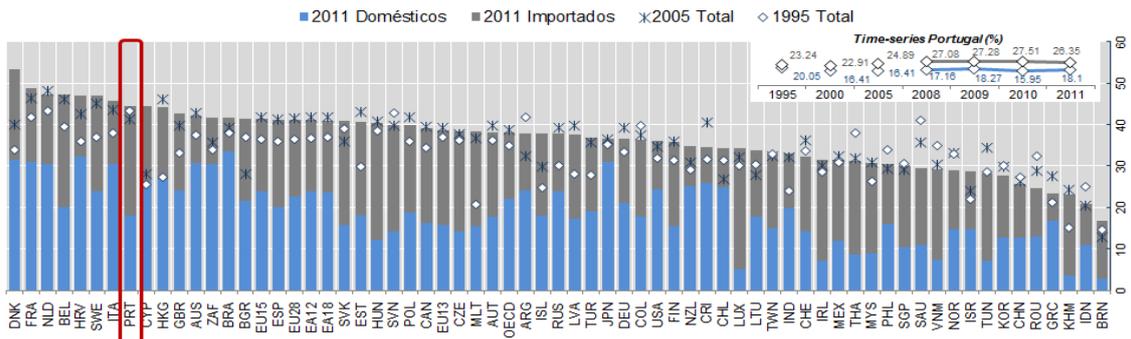
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

O Material de Transporte (26,4%), o Material Eléctrico e Electrónico (23,9%) os Químicos (20,2%), a Borracha e Plásticos (20,1%) e os Energéticos (18,4%) são os sectores que, transversalmente, apresentam a maior “servicificação” importada, ainda que apenas nos primeiros dois sectores e no último a componente importada supere a doméstica. No caso dos Energéticos, a componente importada representa quase 90% da “servicificação” total.

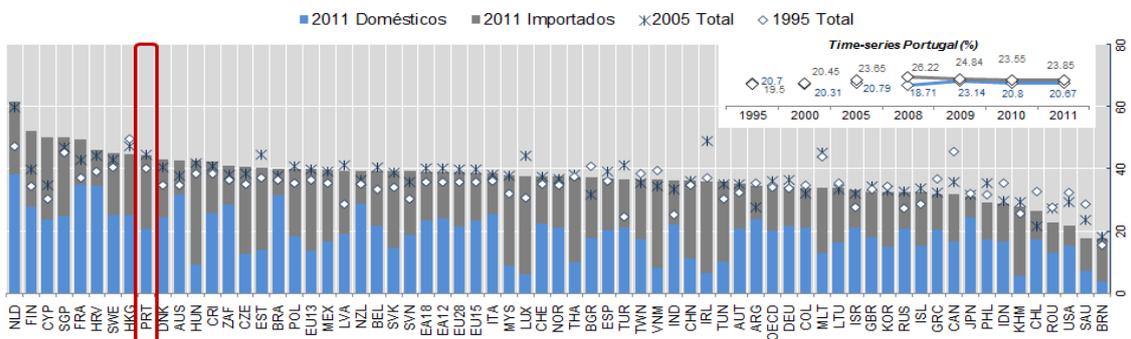
No que diz respeito aos sectores com maior índice de fragmentação produtiva internacional, Portugal destaca-se como o oitavo e nono país com maior “servicificação” no sector do Material de Transporte (44,5%) e do Material Eléctrico e Electrónico (44,5%), respetivamente, indiciando elevada participação em cadeias de valor globais. No entanto quando olhamos para a origem dessa participação ela é sobretudo importada, à semelhança do conjunto dos países da UE13 mas contrastando com a maioria dos países da Europa Ocidental.

Material de Transporte - Participação dos serviços no total das Exportações
% do total das Exportações de Material de Transporte



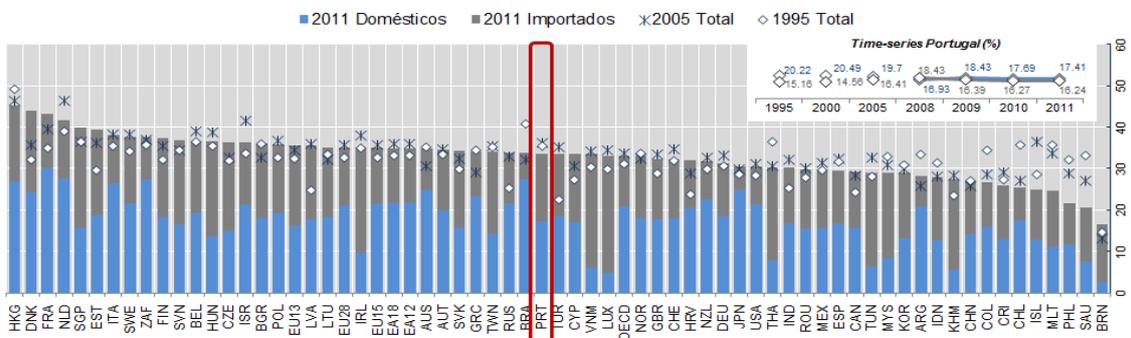
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Participação dos serviços no total das Exportações
% do total das Exportações de Material Eléctrico e Electrónico



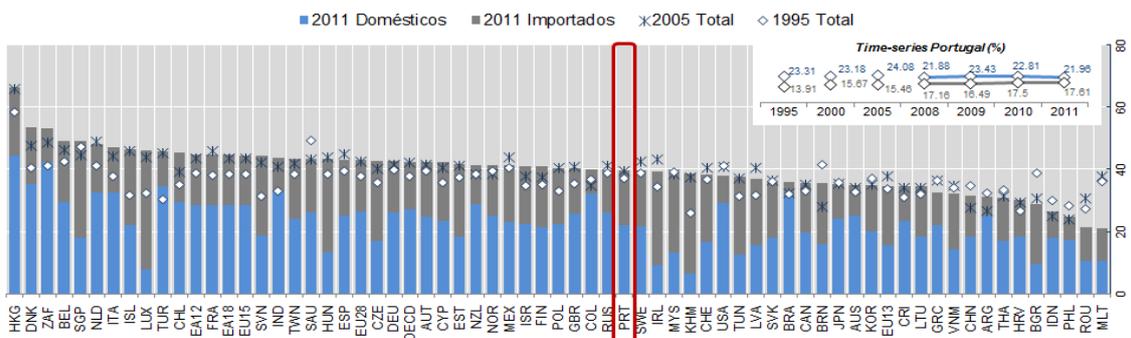
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Máquinas e Equipamentos - Participação dos serviços no total das Exportações
% do total das Exportações de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Participação dos serviços no total das Exportações
% do total das Exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado

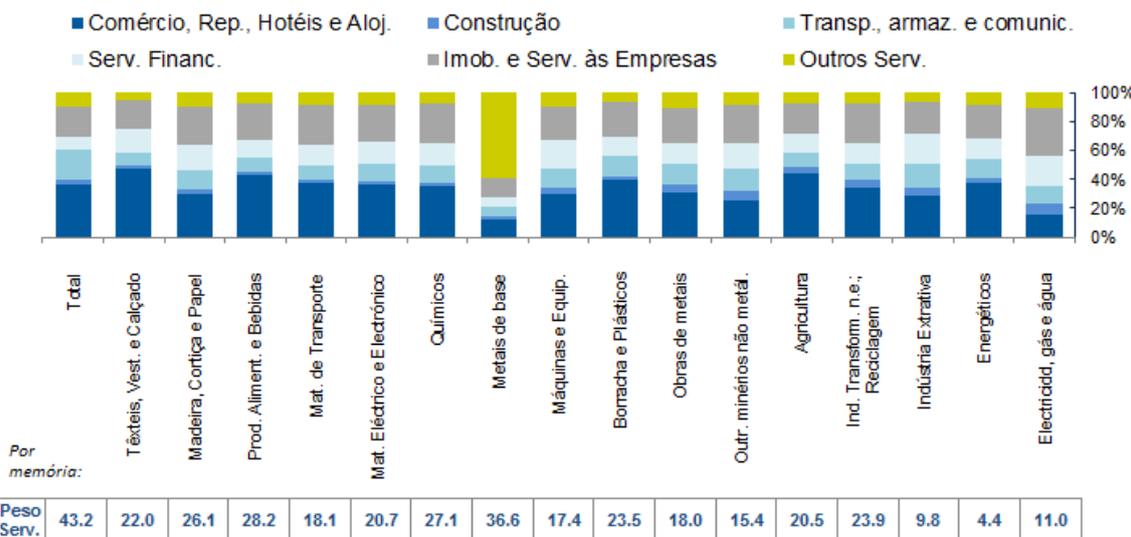


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Detalhando por tipo de serviço que concorre na “servicificação”, para a formação de valor acrescentado, incorporado nas exportações dos vários setores, temos que, os serviços de Comércio, Reparação, Hotéis e Alojamento são os que mais participam na formação do VAN (15,5% do total das exportações em 2011, 35,9% do total da “servicificação” doméstica). Segue-se o Transporte, armazenagem e comunicação (9,2% e 21,3%) e os serviços Imobiliários e Serviços às Empresas (9,1% e 21%).

Participação dos Serviços na formação de VAN por Sector Exportador

% do total das Exportações

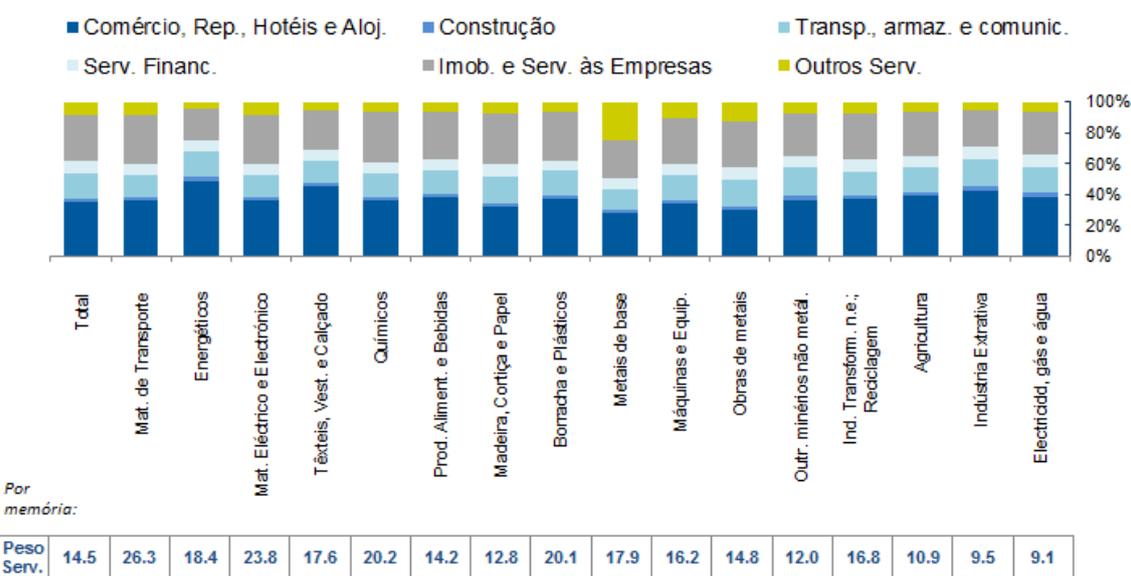


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: Sectores ordenados por ordem decrescente do VAN no ano 2011

A participação dos serviços de Comércio, Reparação, Hotéis e Alojamento é também a mais expressiva na formação de valor acrescentado externo (5,1% do total das exportações em 2011, 35,3% do total da “servicificação” importada). Seguem-se os serviços Imobiliários e Serviços às Empresas (4,4% e 30,4%).

Participação dos Serviços na formação de VAE por Sector Exportador



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

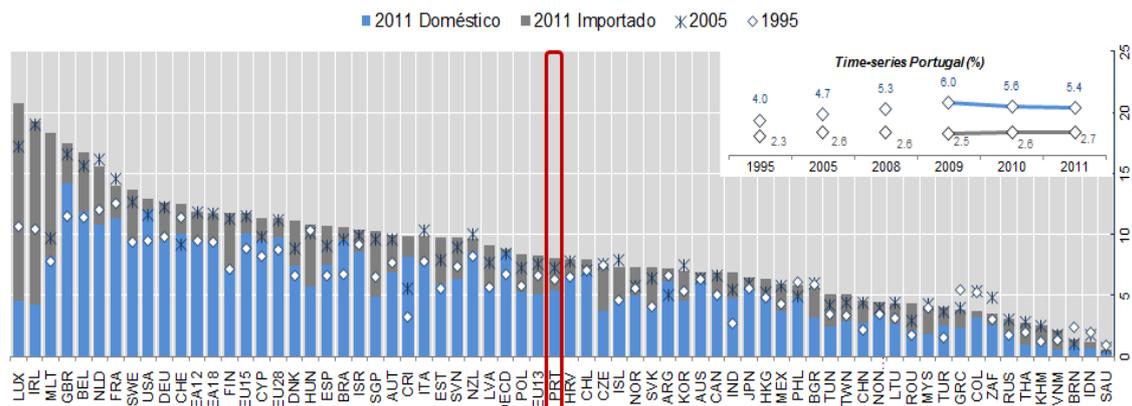
Nota: Sectores ordenados por ordem decrescente do VAE no ano 2011

Um reflexo do compromisso do tecido empresarial português em melhorar a sua posição competitiva no mercado global, com uma oferta de exportação de maior valor acrescentado, é sem dúvida a aposta em investigação e desenvolvimento (I&D). A aposta em I&D potencia a inovação, e a inovação é reconhecidamente um fator determinante da competitividade externa de um país.

A incorporação de serviços de I&D nas exportações portuguesas aumentou nos últimos anos. Em 2011, a participação dos Serviços de I&D no Total das Exportações foi de 8,1% (contra 6,3% em 1995 e 7,3% em 2005). Destes, 5,4 p.p. eram de origem doméstica e os restantes 2,7 p.p. eram importados.

Participação dos Serviços de I&D no total das Exportações

% do total das Exportações

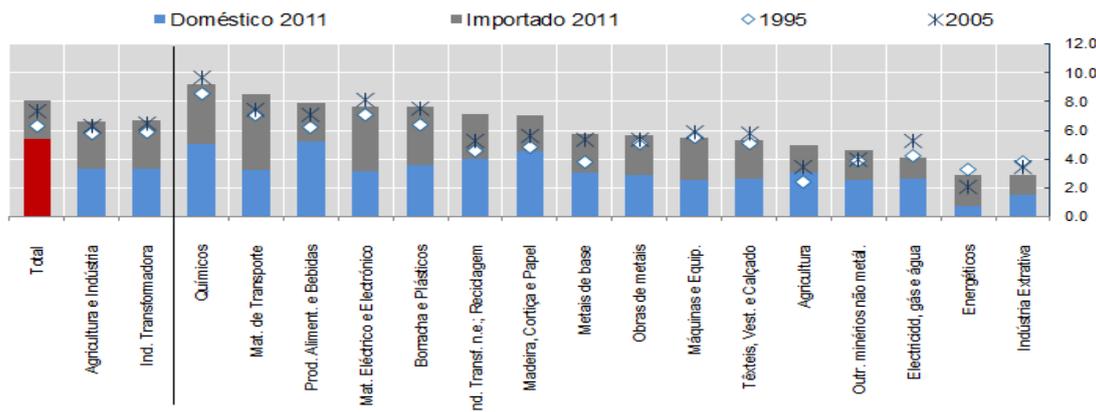


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), June 2015

A participação dos Serviços de I&D no Total das Exportações da Agricultura e Indústria foi de 6,6% (contra 5,8% em 1995 e 6,3% em 2005) e 6,7% (contra 5,9% em 1995 e 6,4% em 2005) considerando apenas a Indústria Transformadora. Em ambos os casos, metade são de origem doméstica.

Participação dos Serviços de I&D no total das Exportações por sector exportador

% total das Exportações



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: Sectores ordenados por ordem decrescente do VAN no ano 2011

Os Químicos e o Material de Transporte são os sectores exportadores que incorporam mais I&D no total das suas exportações (9,2% e 8,5%, respetivamente em 2011), comparando acima da média nacional. Seguem-se os Produtos Alimentares e Bebidas (7,9%), o Material Eléctrico e Electrónico (7,7%) a Borracha

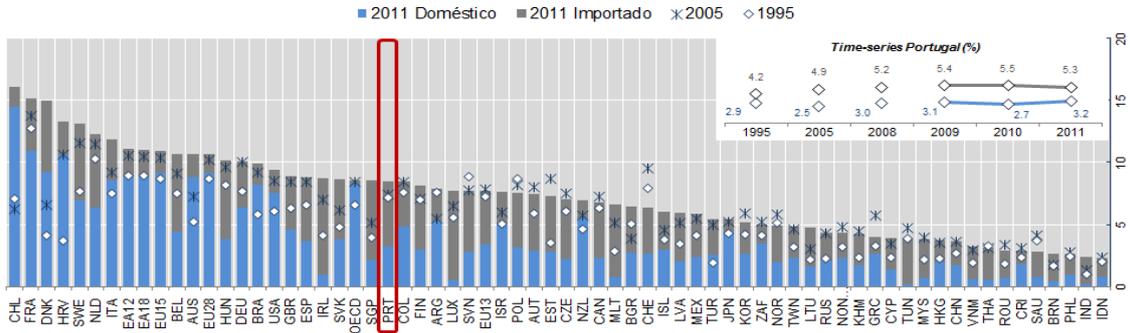
e Plásticos (7,6%) e a Madeira, Cortiça e Papel (7%), todos acima das médias quer do total da Agricultura e Indústria quer do total da Indústria Transformadora.

De todos os setores, os Produtos Alimentares e Bebidas são os que apresentam maior proporção de I&D de origem nacional (5,2% em 2011). Seguem-se os Químicos (5,1%) e a Madeira, Cortiça e Papel (4,5%). Por outro lado, o Material de Transporte é o setor que apresenta maior proporção de I&D importado (5,3% em 2011). Segue-se o Material Elétrico e Eletrónico (4,5%).

O setor dos Têxteis, Vestuário e Calçado, um dos setores mais tradicionais de exportação portuguesa, apresenta uma aposta crescente na incorporação de I&D nas suas exportações (5,3% em 2011, contra 5,1% em 1995), sendo que precisamente metade são de origem nacional. No entanto, ao compararmos este desempenho internacionalmente, conseguimos perceber que ainda é uma aposta bastante tímida, muito aquém dos níveis de referência Europeus - exceto UE13 (4,6%) - num setor onde o sucesso internacional é fortemente determinado pela capacidade de oferta de uma gama de elevado valor acrescentado.

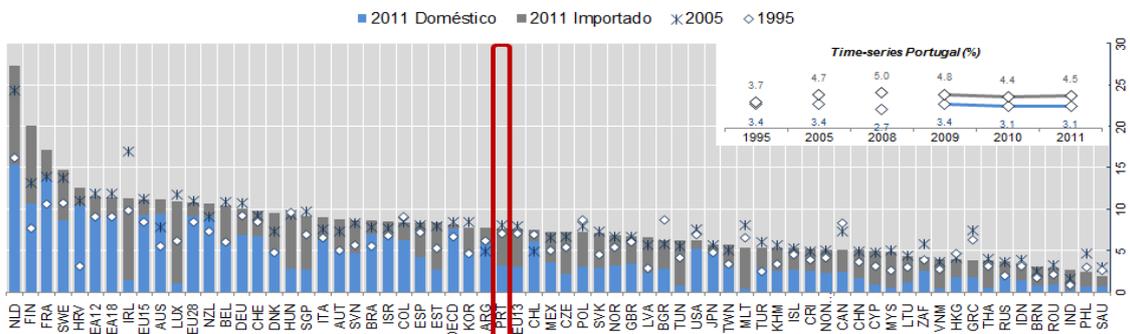
De facto, seja no Total ou nos setores que apresentam maior índice de fragmentação produtiva internacional, Portugal compara abaixo da maioria dos seus pares da Europa ocidental. Além disso, excetuando o caso dos Têxteis, Vestuário e Calçado, nos restantes setores com maior índice de fragmentação produtiva internacional, o maior contributo em termos de participação de I&D é importado, contrastando com a realidade desses mesmos países.

Material de Transporte - Participação dos Serviços de I&D no total das Exportações
% do total das Exportações de Material de Transporte



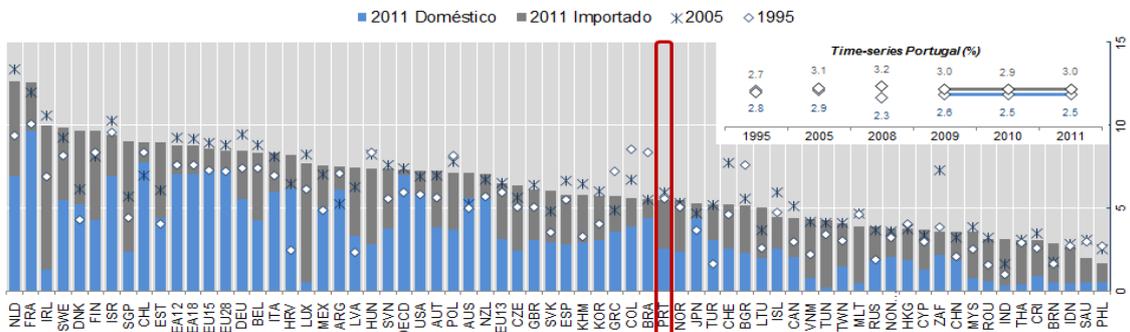
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), June 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Participação dos Serviços de I&D no total das Exportações
% do total das Exportações de Material Eléctrico e Electrónico



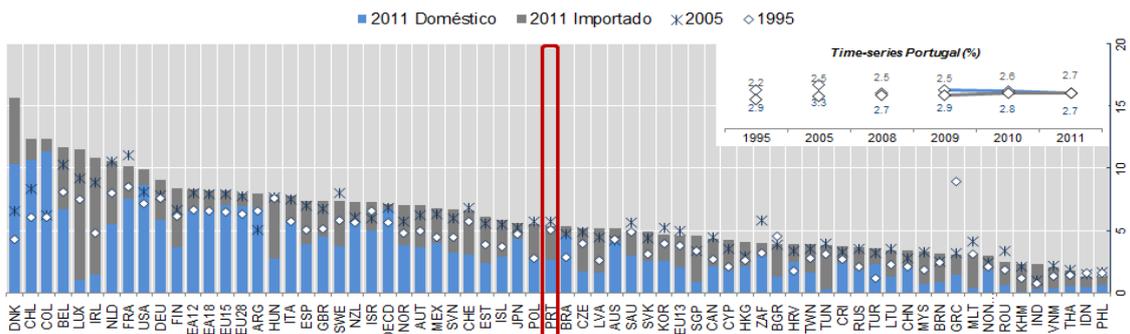
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), June 2015

Máquinas e Equipamentos - Participação dos Serviços de I&D no total das Exportações
% do total das Exportações de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), June 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Participação dos Serviços de I&D no total das Exportações
% do total das Exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), June 2015

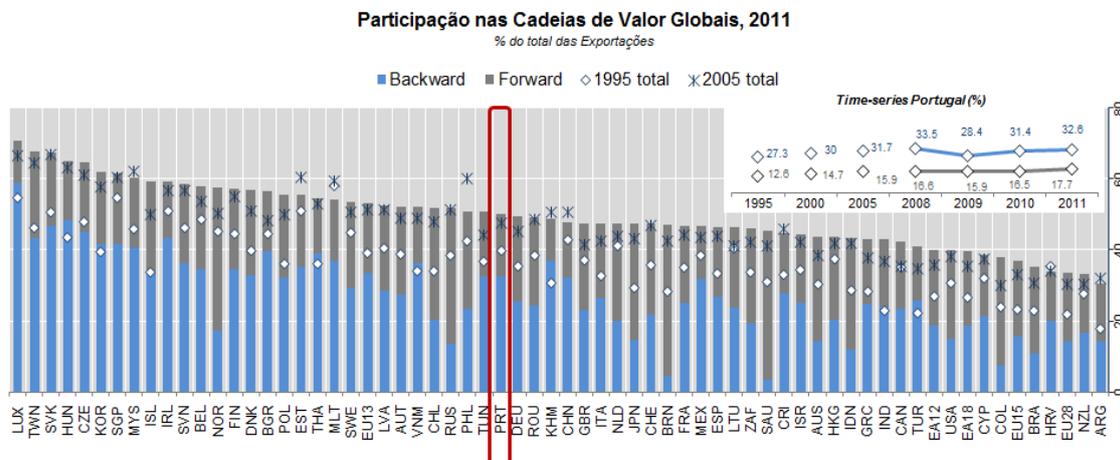
4 – Considerações finais

A participação dos países nas cadeias de valor oferece novas oportunidades para impulsionar transformações estruturais capazes de gerar ou acelerar o crescimento económico. A dotação de recursos naturais, a qualificação da mão-de-obra, a capacidade de absorção de conhecimento e outros fatores, como a proximidade geográfica e cultural, cumprem um papel importante no processo de integração nas CVGs. No contexto das CVGs importa manter-se competitivo internacionalmente, reconhecendo que a competitividade de um país depende cada vez mais, não só das suas exportações como também das suas importações uma vez que nesta nova lógica de produção internacional as importações de inputs intermédios são muitas vezes um meio para que as empresas acedam a inputs mais eficientes e assim produzam bens mais competitivos (Cattaneo e Miroudot, 2013).

Normalmente distinguem-se dois tipos de atividades de CVGs: a participação “Backward” (grosso modo o conteúdo importado das exportações nacionais) e a participação “Forward” (conteúdo doméstico incorporado nas exportações de outros países) (Timmer et al. 2012; OECD, 2013; de Backer and Miroudot, 2013; UNCTAD, 2013b). Enquanto a maior parte dos países desenvolvidos e em desenvolvimento participa de ambos os tipos de atividades, os países com ligações “backward” (compra) relativamente mais fortes tendem a ter ligações “forward” (venda) relativamente mais fracas e vice-versa (Kowalski et al., 2015).

Ambas as participações podem trazer benefícios económicos, retendo que, diferentes participações nas CVGs, criam diferentes perfis de especialização produtiva e, portanto, de comércio internacional. A participação Backward, por exemplo, oferece diversas oportunidades para os países, no sentido em que constitui um instrumento de transferência de tecnologia e difusão de conhecimento, que aumenta o nível de competência da mão-de-obra local e favorece o upgrade na economia. Efetivamente, em vez de desenvolver esforços para criar uma indústria de raiz, basta, portanto, aderir a uma cadeia de valor para exportar. Esta opção é particularmente relevante em setores intensivos em capital. Por sua vez, a participação Forward pressiona o tecido empresarial a cumprir elevados padrões de qualidade, assentes na utilização eficiente de todos os recursos e na aposta contínua em I&D e inovação como fatores determinantes de diferenciação da sua oferta produtiva. Em termos agregados, o resultado esperado é a aceleração de transformações estruturais fruto de uma maior eficiência na afetação e utilização dos recursos na economia e do seu impacto positivo sobre a produtividade dos fatores.

Em termos agregados, a participação Portuguesa nas CVGs, tem vindo a aumentar (50,3% do total das exportações em 2011, contra 39,9% em 1995 e 47,6% em 2005), em linha com a realidade mundial. Ainda assim, revela-se inferior à participação do conjunto dos países do alargamento (UE13) desde 2005, mas praticamente idêntica à participação total da Alemanha.



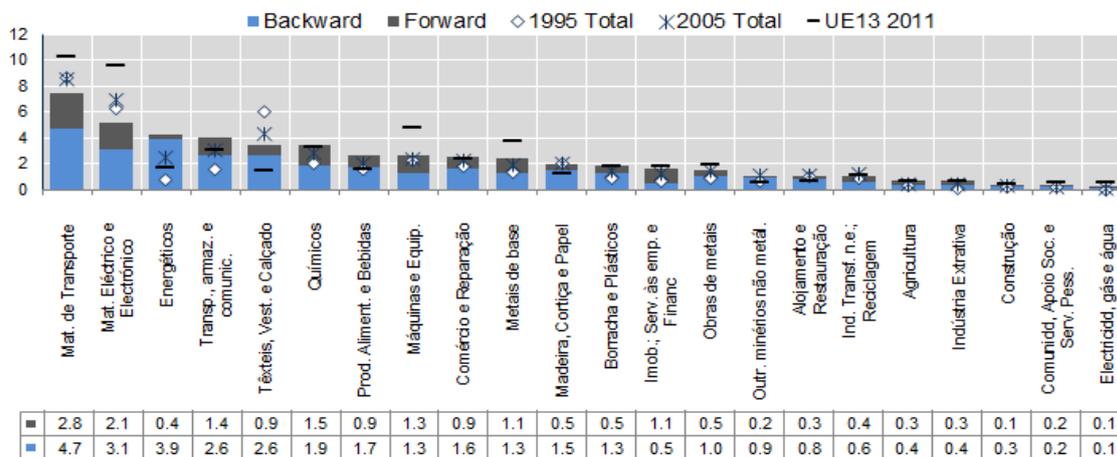
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

A participação portuguesa apresenta-se mista mas relativamente mais expressiva nas ligações “backward”. O mesmo se verifica, em termos relativos, no caso da Alemanha, no entanto, comparando com o caso nacional, percebe-se que a participação “backward” da Alemanha é relativamente inferior e a participação “forward” é relativamente superior.

Os setores exportadores portugueses que apresentam maior participação nas CVGs são o Material de Transporte, o Material Elétrico e Eletrónico, os Energéticos, o Transporte, armazenamento e comunicações e os Têxteis, Vestuário e Calçado. Com exceção do Imobiliário, Serviços às Empresas e Serviços Financeiros, todos os setores exportadores portugueses apresentam uma participação predominantemente “backward”. Apesar disso, as participações “forward” mais significativas referem-se ao setor do Material de Transporte, seguido do Material Elétrico e Eletrónico, dos Químicos, do Transporte, armazenamento e comunicações, das Máquinas e Equipamentos, dos Metais de Base e do Imobiliário, Serviços às Empresas e Serviços Financeiros. O perfil de participação dos países do alargamento (UE13) nas CVGs é ainda assim diferente do perfil português. Em termos relativos, comparativamente a Portugal, detêm uma participação superior no Material de Transporte, no Material Elétrico e Eletrónico, nas Máquinas e Equipamentos, nos Metais de Base, nas Obras de Metais e no Imobiliário, Serviços às Empresas e Serviços Financeiros e inferior, por exemplo, no Material de Transporte, nos Energéticos, no Transporte, armazenagem e comunicação, nos Têxteis, vestuário e Calçado e nos Produtos Alimentares e Bebidas, na Madeira, Cortiça e Papel, nos Outros Minérios não Metálicos e no Alojamento e Restauração.

Participação portuguesa nas CVGs, por sector exportador, 2011

% do total das Exportações Portuguesas

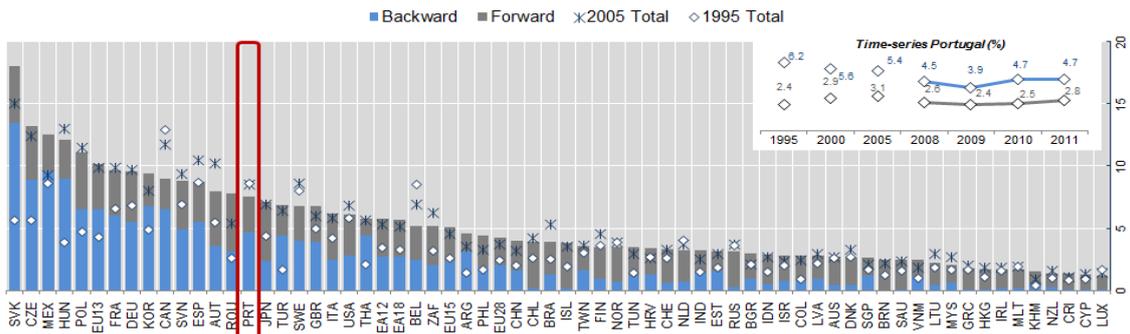


Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Nota: O valor da UE13 corresponde às exportações do bloco de países do alargamento para o resto do Mundo, excluindo as trocas entre si.

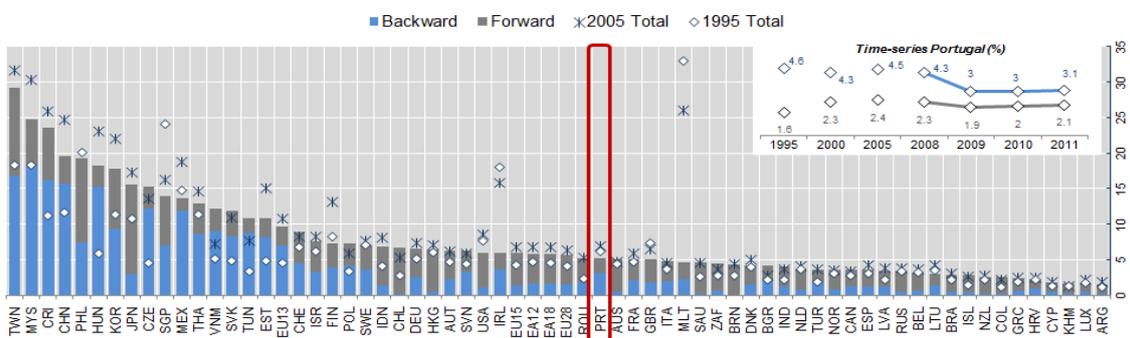
O Material de transporte, o Material Elétrico e Eletrónico e os Têxteis, Vestuário e Calçado registam uma enorme contração em termos de participação nas CVGs. Em 1995, Portugal era o terceiro país com maior participação nas CVGs no setor do Material de Transporte ao lado do México e atrás do Canadá e da Espanha. Em 2011 ocupa a 14ª posição, abaixo da média dos países do Alargamento. Nos Têxteis, Vestuário e Calçado, Portugal mantém, ainda assim, a 5ª posição desde 1995.

Material de Transporte - Participação nas Cadeias de Valor Globais, 2011
% do total das Exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado



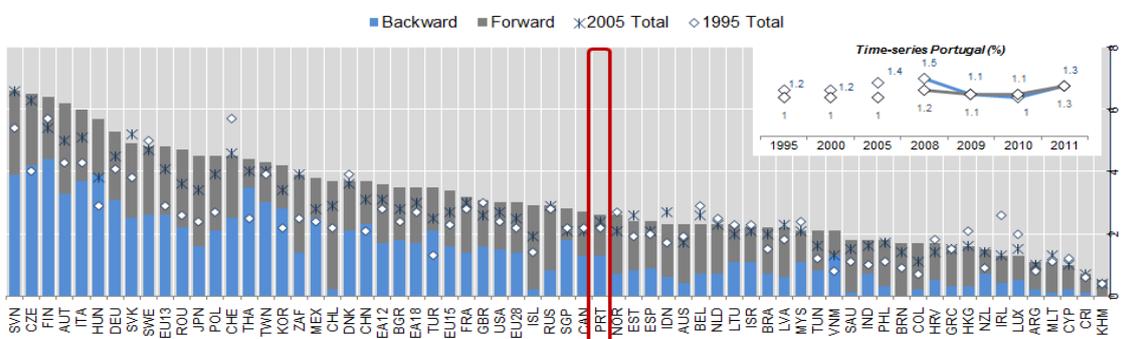
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Material Eléctrico e Electrónico - Participação nas Cadeias de Valor Globais, 2011
% do total das Exportações de Material Eléctrico e Electrónico



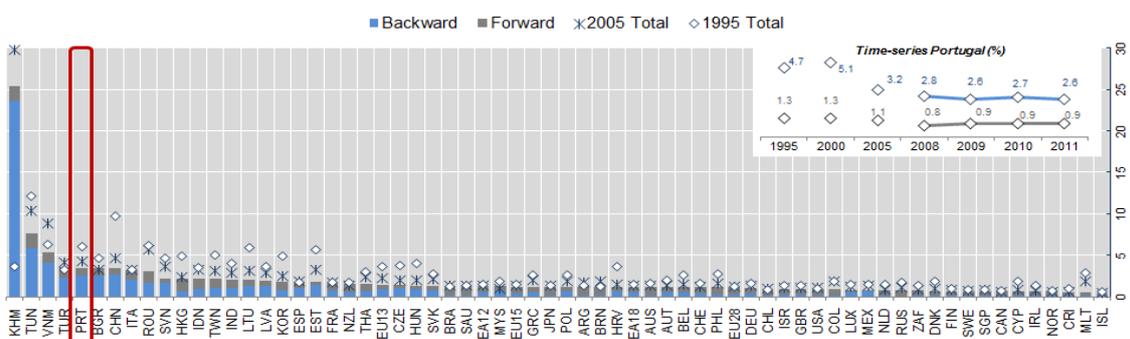
Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Máquinas e Equipamentos - Participação nas Cadeias de Valor Globais, 2011
% do total das Exportações de Máquinas e Equipamentos



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

Têxteis, Vestuário e Calçado - Participação nas Cadeias de Valor Globais, 2011
% do total das Exportações de Têxteis, Vestuário e Calçado



Fonte: GEE, com base nos dados da OCDE - Trade in Value Added (TIVA), October 2015

As características estruturais dos diversos países são reconhecidamente as principais determinantes da participação nas CVGs. Ainda assim, a forma como são moldadas as medidas de política como por exemplo a política económica externa nacional e a política de inovação têm um papel decisivo na resposta às oportunidades e desafios que a globalização representa para a competitividade de um país.

Em muitos casos a participação Backward começa apenas por implicar um aumento do conteúdo externo incorporado nas exportações nacionais, uma vez que normalmente os setores que integram uma determinada cadeia de valor adquirem os inputs intermédios internacionalmente. Mas a seu tempo, dependendo da capacidade de resposta nacional, pode estimular a participação forward. O caso da indústria automóvel permitiu, por exemplo, o crescimento das empresas de componentes automóveis de base nacional.

Entrar numa cadeia de valor global pode de facto reduzir o valor acrescentado nacional, mas pode gerar crescimento se houver upgrade (OECD/AfDB/UNDP, 2014). A capacidade de posicionamento nas tarefas que envolvem elevada criação de valor é verdadeiramente crucial para determinar a capacidade de crescimento do produto interno na economia (Amador e Stehrer, 2014). Uma estratégia possível para subir na cadeia de valor pode ser atrair ou desenvolver a produção de produtos sofisticados ou de etapas de maior valor acrescentado. De igual forma, melhorar os procedimentos, reorganizar o sistema produtivo ou introduzir tecnologia superior pode permitir desenvolver fortes vantagens comparativas no contexto das CVGs. A indústria do Têxtil e vestuário, é um bom exemplo de como uma profunda reestruturação, assente na reengenharia de processos permitiu a afirmação portuguesa, no contexto das cadeias de valor, com vantagens imbatíveis em termos de *Lead Time*.

Mas quando o objetivo é o upgrade, torna-se fundamental valorizar e investir no capital humano. O investimento em capital humano determina a capacidade de captar e reter atividades que envolvem elevada criação de valor como investigação e desenvolvimento (I&D), design, marketing e serviços pós-venda. Por outro lado, a capacidade de inovação na economia, reconhecidamente um fator determinante da competitividade externa de um país, também está associada ao capital humano, mais especificamente à aposta em I&D. A aposta do tecido empresarial português em I&D é já uma realidade, mas é necessário convergir para os níveis Europeus e evoluir para uma economia de exportação de elevado valor acrescentado, principalmente tendo em conta que Portugal continua com um perfil de especialização muito polarizado em atividades tradicionais.

Por último, interessa referir que a participação nas CVGs não pode ser vista apenas como a necessidade de captar relativamente mais valor acrescentado nacional nas exportações. Uma outra dimensão importante, além de considerar simplesmente a percentagem de valor acrescentado associada a cada uma das diversas fases da cadeia de produção, é considerar o seu valor económico, nas suas várias dimensões (emprego, remunerações, VAB por trabalhador, impostos, ...). Se, por exemplo, é verdade que a montagem envolve uma menor criação de valor relativa por trabalhador, especializar-se nela e desempenhá-la em larga escala implica reter um valor económico muito elevado em termos absolutos. A título de exemplo refere-se o caso da China (Kowalski et al., 2015) cuja componente doméstica das exportações de material elétrico e eletrónico desceu de 87% para 57% entre 1995 e 2009 ao mesmo tempo que o volume do valor acrescentado ajustado dirigido à procura final externa registou no mesmo período um aumento superior a 1000%. Adicionalmente, a sua representatividade no total mundial em termos de valor acrescentado ajustado dirigido à procura final externa, neste setor, aumentou de 3% para 22% neste mesmo período.

Bibliografia

- Amador, J. and Stehrer, R. (2014), Portuguese exports in the global value chains, Economic Bulletin and Financial Stability Report Articles, Banco de Portugal, Economics and Research Department;
- Antràs, P., D. Chor, T. Fally and R. Hillberry (2012). "Measuring the Upstreamness of Production and Trade Flows", *American Economic Review*, Vol. 102, No. 3, pp. 412-16.
- Baldwin, R. (2012), "Global Supply Chains: Why They Emerged, Why They Matter, and Where They are Going", CEPR Discussion Paper 9103.
- Cattaneo, O. e S. Miroudot (2013), "From global value chains to global development chains: An analysis of recent changes in trade patterns and development paradigms", in Zedillo, E. e B. Hoekman (eds.), *21st Century Trade Policy: Back to the Past?*, New Haven, Universidade de Yale.
- De Backer, K. and S. Miroudot (2013), "Mapping Global Value Chains", *OECD Trade Policy Papers*, No. 159, OECD Publishing, Paris. DOI: <http://dx.doi.org/10.1787/5k3v1trgnbr4-en>.
- Fally, T. (2012). "Production Staging: Measurement and Facts", University of Colorado – Boulder, May.
- FEM (2012), *The Shifting Geography of Global Value Chains: Implications for Developing Countries and Trade Policy*, Fórum Económico Mundial, Geneva, www3.weforum.org/docs/WEF_GAC_GlobalTradeSystem_Report_2012.pdf.
- Jones, R. and H. Kierzkowski (2001), "A framework for fragmentation", in S. Arndt and H. Kierzkowski (eds), *Fragmentation: New Production Patterns in the World Economy*, New York: Oxford University Press, pp. 17-34.
- Kowalski, P., et al. (2015), "Participation of Developing Countries in Global Value Chains: Implications for Trade and Trade-Related Policies", *OECD Trade Policy Papers*, No. 179, OECD Publishing, Paris. DOI: <http://dx.doi.org/10.1787/5js33lfw0xxn-en>
- Leão, J. e Nogueira, G. (2014), "O Acordo de Parceria Transatlântica entre a UE e os EUA Constitui Uma Ameaça ou uma Oportunidade para a Economia Portuguesa?", GEE
- Lesser, C. (2014), "Implications of global value chains for trade policy in Africa: A desk study"
- OECD (2013a), *Interconnected Economies – Benefiting from Global Value Chains*, OECD Publishing, Paris.
- OECD (2013b), *Supporting Investment in Knowledge Capital, Growth and Innovation*, OECD Publishing, Paris.
- OECD (2013c), *OECD Science, Technology and Industry Scoreboard 2013*, OECD Publishing, Paris.
- OECD/AfDB/UNDP (2014), "Perspetivas económicas em África 2014". OCDE Publishing, Paris. DOI: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264213005-pt>
- OECD (2015a), "OECD-WTO Trade in Value Added" https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=TIVA2015_C1
- OECD (2015b), *Innovation Strategy 2015*, OECD Publishing, Paris.
- Timmer et al. (2012), *The World Input-Output Database (WIOD): Contents, Sources and Methods*, WIOD Background document available at <http://www.wiod.org>.
- UNCTAD (2013b), *World Investment report 2013: Global Value Chains: Investment and Trade for Development*, United Nations Conference on Trade and Development, United Nations Publication ISBN 978-92-1-112868-0.

Anexo

Lista de Países:

ISO-3	Descritivo País	ISO-3	Descritivo País
ARG	Argentina		
AUS	Austrália		
AUT	Áustria		
BEL	Belgica		
BGR	Bulgária		
BRA	Brasil		
BRN	Brunei Darussalam		
CAN	Canadá		
CHE	Suiça		
CHL	Chile		
CHN	China		
COL	Colômbia		
CRI	Costa Rica		
CYP	Chipre		
CZE	Rep. Checa		
DEU	Alemanha		
DNK	Dinamarca		
EA12	Euro área (12 países)		
EA18	Euro área (18 países)		
ESP	Espanha		
EST	Estónia		
EU13	Países Alargamento		
EU15	União Europeia (15 países)		
EU28	União Europeia (28 países)		
FIN	Finlândia		
FRA	França		
GBR	Reino Unido		
GRC	Grécia		
HKG	Hong Kong, China		
HRV	Croácia		
HUN	Hungria		
IDN	Indonésia		
IND	Índia		
IRL	Irlanda		
	<i>(continua)</i>		
		<i>(continuação)</i>	
ISL	Islândia		
ISR	Israel		
ITA	Itália		
JPN	Japão		
KHM	Camboja		
KOR	Coreia		
LTU	Lituânia		
LUX	Luxemburgo		
LVA	Letónia		
MEX	México		
MLT	Malta		
MYS	Malásia		
NLD	Países Baixos		
NOR	Noruega		
NZL	Nova Zelândia		
OECD	Países Membros da OCDE		
PHL	Filipinas		
POL	Polónia		
PRT	Portugal		
ROU	Roménia		
RUS	Rússia		
SAU	Arábia Saudita		
SGP	Singapura		
SVK	Eslováquia		
SVN	Eslovénia		
SWE	Suécia		
THA	Tailândia		
TUN	Tunísia		
TUR	Turquia		
TWN	Taiwan		
USA	EUA		
VNM	Vietname		
WOR	Mundo		
ZAF	África do Sul		

Lista de Setores:

ISIC	Descritivo Sector
CTOTAL	Total (B&S)
C01T05	Agricultura
C10T14	Indústria Extrativa
C15T16	Produtos Alimentares e Bebidas
C17T19	Têxteis, Vestuário e Calçado
C20T22	Madeira, Cortiça e Papel
C23	Energéticos
C24	Químicos
C25	Borracha e Plásticos
C26	Outros minérios não metálicos
C27	Metais de base
C28	Obras de metais
C29	Máquinas e Equipamentos
C30T33	Material Eléctrico e Electrónico
C34T35	Material de Transporte
C36T37	Indústria Transformadora não especificada; Reciclagem
C40T41	Electricidade, gás e água
C45	Construção
C50T52	Comércio e Reparação
C55	Alojamento e Restauração
C60T64	Transporte, armazenagem e comunicação
C65T74	Imobiliário; Serviços às empresas e Financeiros
C75T95	Comunidade, Apoio Social e Serviços Pessoais